Apresentação por John MacArthur

O Tipo de Pregação *que* Deus Abençoa

Steven J. Lawson

0 Tipo de

PREGAÇÃO

- HDeus
- H3eus
  -
  - Para Quem Pregamos Sabedoria
  - UMA CHAMADA URGENTE

HDeus

Abençoa

STEVENJ. LAWSON

0 Tipo de

PREGAÇÃO

H3eus

Abençoa

FIEL

Edicora

0 Tipo *6/* qw rVo~ Abfnçou Tndorido do orgírul «m ligkít Thí Klnd oíPmifesg God Bliw» CoipiTÍgtl © 2013 bi Sfclíí. Lwkb

Piblkido px Harml Hobí RlWlhm Eugrrx. Orfpc 97302

CoprhgblE20l3 Editora FIEL 1* Edkio rm P.rtogun 2013

Todos oi c*filc*fiT bgiu |Mlaguna Munidos p» Editoa Fxl di Miaio Enng&ca

SFIEL

Editora

Caixa Postal. 1601 CEP 12230-971 SM José dos Campos-SP PABX <12)3919-9999 wv/w.editofafid.com.bf

SAt"J EM BREVES CITAÇÕES, C0«l «PICAÇlí BA Kl «TE

Dírtor: Jimrs Riihird Dmhi= III. Editor: Tagu 1 Sinto» Rlfco Tndmio: Frimiwoi 'Vdlinpon rtTrriri Ríyíõx Edíora Fid IXçramiiio. Kubmr Durais Capa: Ruhnrt Durais ISBN: 978 8S813216CO

Este livro c dedicado ao meu cunhado, que tem sido uma grande fonte de encorajamento para mim durante mais de três dáadas,

Drew Crowell,

sua *vida tem sido um testemunho vigoroso para o Senhor Jesus Cristo c seu*

amor pelas Escrituras e pelo bem-estar dos outros tem sido usado poderosa mente para o reino de Deus.

- **SUMARIO**
- **O TTPO DE PREGAÇÃO QUE DEUS ABENÇOA**
- **A MAIOR NECESSIDADE DO MOMENTO**
- **TUDO. EXCETO À COISA PRINCIPAL**
- **DISCURSO MANIPULADOR**
- **UM TF-MA PREDOMINANTE**
- **FORÇA NA FRAQUPy.A**
- **UMA SABEDORIA SOBERANA**
- **ORDENS DE MARCHA**
- **PARA PREGARMOS A PALAVRA DE DEUS À**

MANEIR A DE DEUS

SUMARIO

Apresentação *por John MacArthur*---------- 9

A parada de pregadores Jicis

Fu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o teste-niunlio de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza,

temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra c a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas cm demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus. Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; náo, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória: sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória; mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.

I Coríntios 2.1-9

Apresentação

O TIPO DE PREGAÇAO QUE DEUS ABENÇOA

John MacArthur

Para o pregador fiel. 2 Timóteo 4.2 se destaca majestosamente como um solo sagrado. É um território precioso para todo pastor que. seguindo os passos de Paulo, deseja proclamar com fidelidade a Palavra de Deus. Neste único versículo, o apóstolo definiu o mandato primário do ministério eclesiástico que honra a Deus, náo somente para a Timóteo, mas também para todos os que viriam depois dele. O ministro do evangelho é chamado para 'pregar a Palavra".

O expositor fiel compreende que a Escritura não é um livro comum. O poder do púlpito está na Palavra pregada, visto que o Espinto usa a sua espada para atingir os corações humanos (Ef *6.*17; Hb 4.12). Este livro sagrado é "inspirado por Deus" ou, mais lite-ralmcntc, soprado por Deus. fc náo somente poderoso para salvar, mas também para santificar. Por conseqüência, a tarefa do pastor é alimentar fielmente o rebanho com o puro leite da Palavra (1 Pe 2.1 -3), confiando em Deus quanto ao crescimento resultante.

Com tão abrangente obra de salvação e santificação disponível por meio do poderdas Escrituras, por que alguém seria tentado a pregar qualquer outra coisa? 0 pastor que se importa com o crescimento espiritual de seu povo precisa fazer de Deus e da Palavra o âmago do seu ministério. Para conseguir isso, ele tem de pregar a Palavra.

Deus ainda está dando a homens fiéis o seu mandato divino de pregar a Palavra. E este encargo divino impulsiona, certamente. Stcvcn Lawson, que demonstra, com paixáo c poder, sua obediência a esta comissão divina. Um exemplo comprovado para esta geração de pregadores e para gerações futuras, ele oferece neste livro uma chamada altissonante ao tipo de pregação que Deus abençoa.

Lawson é apaixonado por pregação bíblica. Ele entende que exposição bíblica cuidadosa no púlpito é a grande necessidade da igreja hoje. Seu próprio ministério de pregaçãoé exemplar. Como um pregador fiel durante muitos anos, Lawson tem sido apreciado amplamente pela ousadia, clareza e cuidado com os quais maneja as Escrituras.

No momento presente, Lawson diz que a morte da jregaçào bíblica tem deixado o movimento evangélico fraco, faminto pela verdade espiritual e suscetível aos ataques do inimigo. Estou convencido de que ele está certo.

Com grande precisão, como a de um cirurgião habilidoso, Lawson trata incisivamente da questão crucial de pregar nesta geração. Com exatidão rigorosa, ele apresenta o diagnóstico da enfermidade do púlpito que infesta muitas igrejas em nossos dias. Lawson conclui acertadamente que não há escassez de pregação. Antes, o problema está na essência anêmica e na falta de poder no púlpito evangélico.

Muito frequentemente, as mensagens de hoje contém tudo, exceto a coisa principal. Estão destituídas da pregação de Cnsto em toda a sua glória. Por conseguinte, os púlpitos são impotentes para salvar.

Tragicamente, este tipo de pregação vazia se tonou virótica, alcançando niveis pandémicos nas igrejas ao redor deste planeta. A evidência parece incontestável. A pregação está em declínio, de maneira grandiosa. Inúmeras igrejas incluindo algumas das maiores e das mais famosas tém relegado o

ministério do púlpito ao status de segunda classe.

Para lidar com isto, Lawson afirma a cura tão necessitada. Se tem de haver uma reforma no púlpito c um novo avivamento na igreja, isso virá tão somente por meio da pregação que honra a Deus, que é centrada em Cristo e tem o poder do Espirito. Este, e somente este, é o tipo de pregação que Deus abençoa a pregação *bíblica.*

Eis um antídoto maravilhoso para pregadores confundidos pela ênfase moderna no estilo em detrimento da essência. Lawson retoma às Escrituras, especificamente a I Corintios 2.1-9, para mostrar como a pregação *bíblica* é ordenada por Deus e exemplificada pelo apóstolo Paulo. Ela c, ao mesmo tempo, desafiadora e encorajadora.

Sou muito agradecido por ver este livro impresso e espero que ele tenha impacto amplo em pastores, lideres de igreja, jovens que são potências pregadores e os membros famintos de nossos rebanhos.

Que esta obra seja uma espada no arsenal do Espirito Santo para equipar e estimular muitos homens firmes para essa fidelidade nobre e bênção prometida.

Prefácio

A MAIOR NECESSIDADE DO MOMENTO

.A *Prioridade da Pregação Bihlica*

Nem todos os sermões são iguais. Algumas mensagens são superiores a outras no impacto c na influencia que exercem. Certa mensagem traz a enfase certa para o grupo certo, no tempo certo, fi uma mensagem oportuna que aborda, de modo singular, uma necessidade urgente, em um momento crucial. Esse tipo de mensagem designada por Deus surge da profunda convicção do pregador e se conecta com o coração do ouvinte.

Sem dúvida, esta mensagem c bem sucedida porque Deus a faz tnunlar. O vento sopra, diz Jesus, onde c quando quer. Mesmo assim, o Espírito Santo se move soberana e irresistivelmente na vida de pessoas quando a Palavra é

pregada. Por meio de sua autoridade suprema, Deus faz uma mensagem especifica cumprir o proposito tencionado para ela.

Isto foi especificamente o que aconteceu com um sermão que preguei há pouco tempo em diferentes lugares do mundo. Foi uma mensagem estrategicamente apropriada para o momento - um sermão extraordinariamente abençoado por Deus. Em forma expandida, os discursos do sermão formam o conteúdo deste livro.

Como Tudo Começou

Conferência ile Pastores do Instituto Bíblico Moody

Numa manhã de terça-feira, em 24 de maio de 2011, voei para Chicago (Illinois) para falar na conferência anual de pastores no Instituto Bíblico Moody. Com um grande número de pastores e obreiros cristãos presentes no Auditório Toney-Gray, apresentei uma exposição dc I Corintios 2.1 -9 intitulada “O Tipo de Pregação que Deus Abençoa”.

Na época, eu estava pregando o livro de 1 Corintios, versículo por versículo, na *Christ Fellowship Baptist Church,* em Mobile, Alabama. Lembrando como Deus havia usado com poder as mensagens baseadas nestes versículos, condensei minhas anotações em um sermão para aquela ocasião especial. Com algumas poucas revisões, levei o

manuscrito para Chicago, para aquela conferência estratégica.

O que aconteceu naquele dia no Instituto Bíblico Moody excedeu grandemente as minhas expectativas. Quando subi ao púlpito, o Espinto Santo vivi ficou minha mente, trazendo à lembrança o que eu havia escrito em minhas anotações. Enquanto eu falava, o Espirito aprofundava minhas convicções, aumentando minha confiança nas verdades da passagem. Além disso, ele acendeu a paixão em meu coração, inflamando minhas afeições com zelo. Percebi que os pastores se mostravam especialmente atentos à Palavra pregada.

De sua resposta positiva, ficou evidente que o Senhor tocara num ponto

crucial da vida daqueles homens naqueles dia.

Samara (/tossia)

Depois dc ir embora de Chicago, voei imediatamente para o outro lado do mundo, para Samara, na Rússia. Onde deveria pregar no culto de graduação do *Samara Ccnlcr for Biblical Training.* Anteriormente, eu havia perguntado à liderança da escola qual seria a mensagem mais apropriada para aquela congregação. Depois de ouvir várias opiniões, a resposta predomininte foi que eu deveria pregar a mesma mensagem que pregara tm Chicago, com base cm I Coríntios 2.1 -9, ou seja, 'O Tipo dc Pregação que Deus Abençoa".

Falando por meio de um intérprete, declarei novamente o que Paulo identificou como "o testemunho de Deus". Apresentei esta mesma mensagem não para simplificar as exigências demmha agenda dc pregações, c sim porque discerni que estas mesnas verdades tinham dc ser proclamadas àquele grupo dc pastores russos. Ao falar para aqueles graduandos, o sermão ressoou o mesmo lom, embora nem toda pregação seja a mesma. Há um tipo de pregação que Deus abençoa, especitícamente a proclamação que exalta o Cristo crucificado. por meio do poder do Espinto. Por outro lado. há um tipo de pregação que Deus não abençoa, um mero ecoar da sabedoria vazia do homem que c destituída dc Crista

Em face de tantas influências antropocéntricas no ministério, que estão sendo exportadas para a antiga União Soviética, esta mensagem foi oportuna para a igreja russa. Aqueles pastores precisavam desesperadamente de que esta verdade fosse trombeteada em seus ouvidos. À luz do pragmatismo impetuoso que invade as igrejas

russas, aqueles homens precisavam ter esta mensagem ressoada em seu coração. Precisavam ser lembrados, como todos nós precisamos, de que o pregador não tem nada a dizer além de Cristo e este crucificado. Eles precisavam ouvir que é a mensagem divina, e não artifícios evangélicos. que deve marcar singularmente o seu ministério de pregação.

Cnnforímria Slipphprii

Quase um ano depois, em 9 de março de 2012, tive o privilegio de pregar na

Shephcrds Conference na *Grace Commumty Chur-di,* em Sun Valley, Califórnia, realizada por John MacArthur. Reunida nesta ocasião, havia uma enorme congregação internacional de pastores e missionários, de todos os 50 estados dos Estados Unidos e de 48 países do mundo. Não há, em nenhum lugar do mundo, outro ajuntamento de homens fortes como esta conferência.

Enquanto considerava o que deveria pregar, lembrei-me de como Deus abençoara a pregação de sua Palavra com base em I Corintios 2.1-9, primeiramente em Mobile, depois em Chicago e, por último, em Samara. Sentindo a orientação de Deus, reescrevi minhas anotações das ocasiões anteriores e as levei comigo ao púlpito para apresentar esta mesma mensagem: *0 Tipo de Pregação que Deus Abençoa" Outra vez. Deus me deu poder na proclamação desta passagem, embora com uma força não de mim mesmo, certamente. Eu parecia ser um mero espectador de meu própno sermão. Depois, cncontrci-mc com um publicador cristão c seu editor para discutir um possível projeto de publicação. Quando nos sentamos em um escritório cedido na *Grace Community Church,* eu estava emocionalmente exausto porque acabara de pregar esta mensagem.

De fato, eu mesmo me sentia como se tivesse sido horrivelmente inadequado na apresentação da mensagem. Não havia apresentado a mensagem como previra c sentia que havia falhado cm meu compromisso como arauto da verdade divina.

Reuni-me com aquele grupo de publicação, pedi desculpas por meus frágeis esforços no púlpito. Mas, antes mesmo que pudesse terminar minhas palavras, o publicador disse abruptamente: 'Gostaria de publicar esta mensagem na forma de um livro.

Creio que todo ministro precisa ouvir este sermão". Nem preciso dizer que fiquei estupefato.

Naquele exato momento, John MacArthur entrou no pequeno escritório. Para minha admiração, ele estava me procurando. Aproximou-se de mim e falou a mesma coisa, dizendo: "Isso era o que precisávamos ouvir" Fiquei sem palavras.

Admirado com o fato de que Deus me usou apesar de minha enorme

fraqueza, compreendi que esta mensagem especifica havia

tocado numa questão crucial ao corpo de Cristo. Muito além de meu controle, tudo que pude fazer foi seguir esta onda de providência. indo aonde quer que ela me levasse.

Conferência Nacional Liyonier

No tempo perfeito de Deus, eu deveria pregar na semana seguinte, em 17 de março do 2012, na conferência nacional do Ministério Ligionier, em Orlando (Flórida), com R.

C. Sproul. O tema desta conferência era ’A Mente Cristã', e, meses antes, a equipe do Ligonier me havia designado para pregar sobre o tema "Loucura para os Gregos”. Pediram-me que abordasse nesta mensagem como o evangelho é ininteligível para a mente não regenerada.

Por causa do compromisso específico, senti que não tinha outra opção, exceto pregar o mesmo texto. Pela quinta vez, expus esta mesma passagem de I Corintios. Somente nesta vez abordei o contexto mais amplo de I Corintios 1.18-2.5. Quando pregueiesta passagem,o Espírito me conduziu novamente, como que levado em asas de águia.

Em cada ocasião, desde Mobile a Chicago, Samara, Los Angeles e Orlando. Deus abençoou extraordinariamente a pregação de sua Palavra. Este livro que você tem agora em suas mios c um registro unificado do que apresentei nestes cinco compromissos de pregação, juntamente com algumas expansões adicionais. Enquanto você o lê, peço a Deus que a sua bênção acompanhe estas mesmas verdades, à medida que elas se propagam no poder do seu Espirito.

Como o Púlpito Vai

Deus sabe como os pregadores de hoje precisam desespera-damente retornar ao que é apresentado neste livro sobre pregação. A igreja vai como o púlpito vai. Nunca isso foi mais verdadeiro do que no tempo presente. Permanece o fato de que nenhuma igreja

pode atingir um nível mais elevado do que o de sua pregação. A vida espiritual de qualquer congregação c seu crescimento na graça nunca ultrapassarão o nível estabelecido por seu púlpito.

Este livro *é* publicado com uma súplica de que o soberano Cabeça da igreja, o Senhor Jesus Cristo, levante umi nova geração de pregadores centrados em Cristo, que exaltam a Deus e são energi/ados pelo Espírito. Que eles sejam fieis c fcr»orosos pro-clamadorcs de Cristo c este crucificado, que preguem no poder do Espírito. Esse tipo de pregação é a necessidade mais urgente no momento presente.

Uma Expressão dc Agradecimento

Antes de começar, quero agradecer à equipe de publicação da Harvest House, que ouviu esta mensagem pregada na *Shepherds Conferetict* e deu inicio à ideia de ter estas verdades colocadas em forma de livra Sou grato a Bob Hawkins. o publicador.e Steve Mil-Icr, meu editor, por sua visão para este projeto.

Tenho de agradecer à *Christ Fdloivship Baptist* Church, em Mobile,, à qual tenho servido como pastor principal. Eles receberam com muito interesse a minha pregação sobre I Corintios, que, conforme se presume, não é um livro fácil para alguém ouvir em pregações. Esta epístola de Paulo é, na realidade, uma forma de surra espiritual em reação ao que estava acontecendo na igreja de Corin-to, embora conduza a grande benção. O material que este livro contém se origina desta séria expositiva feita na CFBC.

Também sou grato pelo apoio de meus colegas presbíteros na *Christ Fellowship Baptist Church,* que me encorajam em meu ministério fora da igreja. Quero expressar agradecimento especial a Kay Allen, minha assistente executiva, que digitou todo este documento, c a Kcith Phillips, um colega pastor na CFBC, que me ajudou na preparação deste manuscrito.

Por último, tenho de agradecer à minha família por me prover tanto encorajamento em minha vida pessoal e em meu ministério de pregação. Minha esposa, Anne, e nossos quatro filhos, Andrew, James. Grace Anne e John, permanecem ao meu lado em seu apoio.

StevenJ. Lawson Christ Fdlowship Baptist Church Mobile, Alabama Julho de 2012 *Capítulo I*

TUDO, EXCETO À COISA PRINCIPAL

A Pobreza tia Pregação Moderna

Não há escassez de pregação no mundo atual. O número cotai dc igrejas ao redor do globo dá testemunho deste fata Km muitos lugares, há um prédio de igreja em cada esquina, e, no interior de cada igreja, um púlpito, e. em cada púlpito, pregação.

No entanto, a realidade é que nem toda pregação é idêntica. Há o tipo de pregação que Deus abençoa, e há o tipo de pregação que ele abandona. Há um tipo dc pregação que conta com o favor do céu. mas há um tipo de pregação que é mero exercido em retórica vazia. Entre as duas, há um mundo dc diferença.

No momento presente, o que precisa ser resgatado com muita urgência não é mais pregação. Em vez disso, o que necessitamos urgentemente é certo tipo de pregação. O problema de hoje não é a escassez de pregação. Não, o problema está na falência total dc muito do que hoje passa por pregação.

À luz de qualquer estimativa espiritual, algo está horrivelmente ausente no púlpito contemporâneo. Esta escassez na pregação é uma verdadeira fome contemporânea de ouvir as palavras do Senhor. Vivemos numa época de severa estiagem da proclamação de Jesus Cristo e ele crucificado, que é capacitada pelo Espírito Santo. Há poucas nuvens no ccu c nenhuma previsão dc chuva. Infcli/mcnte, há tanta poeira na maiona dos púlpitos que podemos escrever sobre eles a palavra *Icabodc.*

Uma Estratégia Muito Diabólica

Anos atrás, Donald Gray Barnhouse, pastor da *Tath Prcs-byterian Cliurch* na cidade de Philadelphia, na Pennsylvanu, pregou uma mensagem que foi transmitida na radio CBS. Nesta m;nsagem dc alcance nacional, o famoso professor das Escrituras especulou a respeito dc qual seria a estratégia mais

diabólica que Satanás poderia maquinar contra a igreja nos anos por vir.

Para admiração de muitos ouvintes, Barnhouse imagnou que todos os tribunais de Phildelphia seriam fechados. As piostitutas não andariam mais pelas ruas. A

pornografia não ficaria mais disponível. As ruas da cidade seriam limpas, e todos os bairros ca cidade seriam cheios dc cidadãos que obedeceriam ás leis. 'Iodo xhgamcn-to c difamação desapareceriam. E todas as crianças diriam - espeito-samente: “Sim, senhor” e: “Não, mamãe”.

Toda igreja na cidade, Barnhouse acrescentou, ficariasuperlo-tada. Não haveria um banco de igreja que caberia mais uma pessoa sequer. Talvez você pergunte: O que estava errado nisso?

Em seguida. Barnhouse deu o golpe final. Ele disse cue o perigo mais letal e mais diabólico seria que. em cada uma destas igrejas cheias cm sua capacidade máxima, Jesus Cristo jamais seria pregado.

Nestes púlpitos, haveria muita palestra religiosa, mas nada seria dito a respeito da autoridade suprema e da obra salvadora de Cristo na cru/. Haveria menção dc moralidade, mas n;nhum Cristo. Haveria expressões dc interesse cultural c comentários políticos, mas não haveria Cristo. Haveria pensamento positivo e histórias ms-piradoras. mas nenhum Cristo. Haveria os sinais externos do cristianismo. mas nenhuma realidade interna de Cristo.

O estratagema mais diabólico de Satanás seria as igrejas estarem superlotadas de pessoas, mas sem a proclamação de Cristo e ele crucificado. Com este silêncio mortal, as pessoas nunca aprenderiam a respeito dc Crista Assim, elas jamais poderiam conhccc-lo ou segui-lo.

0 que Bamhousc temia está acontecendo cm grande medida, em nossos dias. Em incontáveis casas de adoração neste pais e ao redor do mundo, há muita pregação. Todavia, a verdade é que há pouca proclamação de Cristo. Há muita retórica vazia, mas pouca realidade do Salvador sofredor. Estas igrejas pregam tudo, exceto Crista

Tragicamente, muitíssimas igrejas e púlpitos térr tudo, *exceto* a coisa

principal.

Uni Cristianismo sem Cristo

Abordando esta crise crescente, Michael Horton escreveu um livro alarmante. Cristianismo sem Cristo[1], que argumenta este fato

SP: Editora Gaitara Gruta, 2010)

de maneira convincente. Nesta obra estimulante, Horton observa com perspicácia que as igrejas tèm-sc tornado cada vez mais semelhantes ao mundo, enquanto seus púlpitos se tomam cada vez mais destituídos de Cristo. Lamentavelmente, a igreja foi cativada pelas influências debilitantes de mantras mundanos, como pragmatismo crasso, autossuficiéncia, pensamento positivo e coisas semelhantes.

Uma nhsessào par pragmatismo

Horton escreve: "Hoje, a igreja na América é tão obcecada por ser prática, relevante, útil, bem sucedida e até bem apreciada, que reflete o próprio mundo. F.xccto pela embalagem religiosa, na maiona das igrejas não há nada que não poderia ser satisfeito pelos inúmeros programas e grupos seculares de autoajuda''.' Ele chama essa religião popular de *Cristianismo sem Cristo.*

Depois, Horton explica: "O foco ainda parece estar em nós e em nossa atividade, em vez de em Deus e sua obra em Cristo? Nessa religião, Cristo é um treinador que tem um bom plano para a nossa vitória e não um Salvador que já realizou a salvação por nós. A salvação é mais uma questão de termos a nossa melhor vida e não de sermos salvos do julgamento de Deus por meio do próprio Deus. Parece familiar?

Em resumo, tanto Barnhouse quanto Horton advertem sobre

um cristianismo sem Cristo. Barnhouse temia que um evangelho

2 H.xuiii Oióliiliiumo ,tm *CrtítO,* fuiilin

3 Mchot'. Horton. Cruíinmww'«in Cn«<\ pi«lm.

alternativo estivesse vindo. Horton afirma com pesar que esse evangelho já está aqui.

A remoção de Cristo

No tempo presente, a pregação destituída da pessoa e da obra de Cristo é, muito

frequentemente, bastante corriqueira. Essa mensagem sem vida é uma armadilha em que caíram muitos púlpitos de igreja, a armadilha letal em que o Senhor Jesus é minimizado ou. talvez, esteja ausente por completo. Em vez de dar a Cristo o lugar central, o lugar de preeminéncia, ele é degredado ã periferia. Em vez dc estar sob a luz do holofote, Jesus é deixado nas sombras.

Km muitos púlpitos, há uma comunicação convincente que cativa a atenção do ouvinte. Há um pensamento lógico com um fluxo coerente. Há um esboço bem estruturado, uma introdução que prende a atenção e uma exegese excelente. Há ilustrações bem elaboradas, ilustrações fascinantes e aplicações relevantes. Há observações perspicazes e citações precisas de textos bíblicos relacionados. Há também uma conclusão dramática.

No entanto, se o sermão falha em exaltar e exaltar Cristo, não atinge o alvo. Esse tipo de sermão tem tudo, exceto a única coisa necessária a pessoa de Cristo, apresentada pelo poder do Espírito Santo. Certamente, o nome de Cristo pode ser mencionado. Mas somente de uma maneira educada. Esse discurso pode até ser vigorosa estimulante e entusiasta. Contudo, se está destituído de Crista é

apenas um cimbalo retumbante e um gongo barulhento. A triste realidade é que esses púlpitos estéreis são incapazes de salvar e não têm poder de santificar.

A Reforma do Púlpito Moderno

O que precisa ser resgatado em nossos dias é o tipo de pregação que Deus abençoa. Em todo púlpito, o Senhor Jesus tem de ser apresentado como mais do que um mero ensinador infalível e um exemplo moral. Cristo é, de fato, ambas as coisas. Todavia, ele é muito mais. Os púlpitos precisam focali/.ar-se

estritamcnt: cm declarar a humanidade imaculada, a divindade soberana e os propósitos salvadores do Senhor Jesus Cristo. Do contrário, o qui sai dos púlpitos não é pregação e sim conversa religiosa agradável.

Proclamando a supremacia de Cristo

O problema de muitos sermões em nossos dias não é o que eles di/em e sim o que *não* dizem. Muitos sermões mencionam Cristo como um "guru da vida" que está pronto para nos "treinar" no jogo da vida. Muitos pregadores apresentam Cristo como o gênio da

lâmpada que espera por nossa chamada, atende aos nossos caprichos e está pronto para resolver todos os nossos problemas temporais.

No entanto, ao contrário disso, os pregadores tèm de mag-nificar incansavelmente o incomparável senhorio de Jesus Cristo

e a obra redentora que ele realizou na cruz. Todos os púlpitos têm de declarar apaixonadamente que Cristo é o eterno Filho do Deus vivo, o único Salvador de pecadores. Toda pregação deve anunciá-lo ousadamente como o soberano Senhor do céu e da terra. Cristo tem dc scr proclamado sem temor como aquele diante dc quem sc dobrará todo joelho c a quem tod; língua confessará. Toda pregação deve afirmar que este Jesus *t* o Juiz final de todo ser humano.

Para cumprir este dever sagrado, todo pregador tem de proclamar todo o conselho de Deus. Toda doutrina da Escritura precisa scr apresentada. 'Ioda verdade tem dc scr ensinada, 'lodo pecado tem dc scr exposto. 'Ioda advertência deve scr comunicada. E toda promessa tem de ser oferecida.

Se Deus há de abençoar a nossa pregação, a suprema majestade de Jesus Cristo tem de ser exposta em nossos sermões. Todas as linhas de nossa pregação têm de cruzar-se neste pinácalo supremo -Jesus Cristo c ele crucificado.

Reivindicando o solo sagrado

Elevando-se a partir da mensagem divina da Escritura, ergue-se o imenso

edifício do Monte Calvário. No alto deste pico elevadíssimo. está levantada a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, lançando as suas sombras sobre toda a Bíblia. O tema central dc toda a Bíblia c Jesus Cristo, o Redentor dc todos os que o invocam.

Todo o Antigo Testamento anuncia a vinda de Cristo à terra para redimir e reinar. Depois, os quatro evangelhos contam os detalhes e descrevem a primeira vinda de Cristo. Em seguida, o livro de Atos dos Apóstolos relata a proclamação de sua morte, ressurreição e exaltação. Além disso, as epístolas definem quem Jesus *é* e defendem o que ele realizou em sua vida e morte. Por fim. o livro de Apocalipse declara que este Jesus virá outra vez em majestade e glória.

Afirmando-o de maneira sucinta, Jesus Cristo crucificado é o tema que unifica toda a

Escritura.

Este solo sagrado *tem* dc ser reivindicado em nossa pregação. Qualquer outra posição é um declive escorregadio que desce inevitavelmente a retórica vá e meras palavras. Ao contrário, todo púlpito tem de apresentar uma visão magmficente da pessoa singular e da obra salvadora de Jesus Cristo. 'Ioda pregação tem de apontar para a morte expiatória e vicária de Cristo em favor de pecadores. Toda exposição tem de exaltar este Cordeiro sacrificial que se tornou um substituto que levou o pecado em favor de todos os que creem nele. Toda mensagem deve exaltar este Cristo, que foi ressuscitado dentre os mortos, elevado à destra dc Deus, o Pai, c recebeu toda a autoridade no céu e na terra.

Isto tem de ser a força vital que dá existência a cada púlpito. Tem de ser o pulso forte que caracteriza todo ministério. Se os pregadores devem ser conhecidos por alguma coisa, devem ser conhecidos por pregarem o Senhor Jesus Cristo e ele crucificado.

Uma Cartilha sobre Pregação

Por esta razão, sou atraído ao que o apóstolo Paulo escreveu em I Coríntios 2.1-9.

Kstes versículos repletos de discernimento são um texto estratégico sobre a natureza da verdadeira pregação. Em muitas maneiras, esta passagem é um texto que define a pregação bíblica. Fala notoriamente sobre a prioridade da pregação centrada no evangelho e cheia de graça. Esse tipo de pregação, descrita nestes versículos, precisa ser urgentemente redescoberta em nossos dias. Vejamos o que Paulo disse:

Eu, irmãos, quando fui ler convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo c este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minlu palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espirito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus. Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados: não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada: mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glú-

na; sabedoria essa que nenhum dos poderosos dcsle século conheceu: porque, se a

tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória; ma», como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam (lCoríntios 2.1 *9).

Uma viagem a Corinto

Esta passagem crucial nos remete ao tempo em que Paulo foi pela primeira vez à cidade de Corinto, durante sua segunda viagem missionária. Foi por volta do ano 50 d.C. que Paulo chegou a esta cidade altamente desenvolvida, localizada no istmo entre os mares Egeu e Adriático. Um centro comercial de grande riqueza, Corinto era uma cidade portuária próspera que ostentava o melhor da cultura grega. Esta metrópole cosmopolita possuía um famoso teatro ao ar livre que podia acomodar 20.000 pessoas. Ali, alguns dos mais renomados atores, dramaturgos e oradores gregos antigos se reuniam para exibir seus talentos. Os sofisticados coríntios eram acostumados

aos comunicadores mais requintados da Antiguidade.

Antes de vir a Corinto. Paulo havia pregado em outras cidades gregas, como Tessalónica, Bereia e Alenas. Em cada um destes lugares, o apóstolo se deparou com rejeições severas. Quando chegou finalmente a Corinto, Paulo estava física e emocionalmente esgotado,

porque muitas portas foram fechadas em sua cara. O desgaste havia sido enorme em seu corpo, sem falarmos em seu espirito.

Como resultado. Paulo poderia ter sido facilmente tentado a reconsiderar sua maneira de realizar o ministério. Se houre um tempo propício para mudar sua estratégia, este foi ccrtamcntc o tempo. Sc o apóstolo tivesse sido norteado por pragmatismo, teria concluído que precisava tentar algo novo. Talvez devesse fazer um pouco de mistura e tentar ser mlturalmente mais relevante. Talvez devesse adotar os méto dos aprovados dos filósofos gregos a fim de ganhar audiência em Corin -to ou. talvez, usar os Scripts teatrais deles para conquistar uma multidão. Talvez devesse lançar mão do estilo de apresentação altaniente requintado deles a fim de plantar uma igreja cm Corinto.

Se o apóstolo tivesse de continuar usando a sua própria maneira de pregar, como ele poderia realizar algum efeito em Corinto? Deveria recorrer a uma estratégia diferente? Deveria não ser enfático quanto à pessoa de Cristo? Deveria atenuar *í* sua mensagem para aqueles ouvidos sofisticados? Deveria empregar uma abordagem alternativa, algo

diferente de pregação, para alcançar aquela cidade pagã? Deveria tentar ser brando em sua tpresentação da mensagem, para que alcançasse as pessoas de mente iluminada?

Como Paulo ministrou em Corinto

Não somos deixados na dúvida. A Bíblia relata a maneira como Paulo propagou o evangelho cm Corinto. Lemos: “E todos

os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeas como gregos. Quando Silas e Timóteo desceram da Macedóma, Paulo se entregou

totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus" (At 18.4-5). Apesar das repetidas rejeições que Paulo experimentara antes, a sua estratégia para alcançara cidade de Corinto permaneceu inalterável. O apóstolo manteve í mesma abordagem que usara em outras cidades. Chegou a Corinto proclamando Cristo crucificado, fazendo isso no poder do Espíri:o Santo.

Essa pregação centrada na cruz, que exalta a Crista não foi sem efeito. Cnspo. o chefe da sinagoga, foi convertido pelo ministério de Paulo (At 18.8). De mesmo modo, muitos outros corintios chegaram a crer em Jesus. A recepção do evangelho ali foi tio poderosa que o apóstolo permaneceu 18 meses, um período de tempo incomum em sua agenda de pregador itinerante de estadias curtas. Naquela cidade pagã, foi estabelecida uma cabeça de praia para a verdade. Um igreja foi gerada, por assim dizer, no limiar dc inferno. A pregação franca de Paulo a respeito de Cristo crucificado oi usada poderosamente por Deus.

No entanto, depois que o apóstolo partiu de Corinto, isses novos crentes esfriaram em sua devoção a Cristo. O seu zelo enfraqueceu. Embora genuinamente convertidos, esses discípulos ce Cristo retomaram ao seu desejo por estilos mais sofisticados de discurso público. Acompanhando esse regresso, veio o retomo ã sua paixão antenor por sabedoria mundana.

yi

Em 55 d.C., Paulo escreveu 1 Coríntios para confrontar essas pessoas a respeito de seu relapso espintual. No começo desta epístola, ele lhes recordou a maneira franca como lh;s pregara o evangelho. Paulo disse: "Eu, irmãos, quando fui ter convosco. anunciando-vos o testemunho de Deus. não o fi/. com ostentação de linguagem ou de

sabedoria" (2.1). Isto significa: quando Paulo esteve em Corinto, ele não tentou entrar em competição intelectual com os grandes debatedores gregos. Não comprometeu a sib mensagem para se acomodar aos gostos culturais deles. Também não cuidou de satisfazer à sabedoria convencional da mente grega. Ele se recusou ousadamente a satisfazer-lhes a fim dc ganhá-los.

Em vez disso, Paulo não mudou sequer um *iot*<\ da essência de sua

mensagem. Também não adaptou o estilo de sua mensagem. O apóstolo ministrou em Corinto como o fizera em todos os outros lugares, pregando Cristo crucificado. A totalidade de seu ministério poderia ser resumida nesta afirmação sucinta: ‘Proclamamos a Cristo c ele crucificado" (ver I Coríntios 2.2). Conclusão: a totalidade c a essência da mensagem dc Paulo era a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

Um Modelo Atemporal para Hoje

Todo expositor fiel das Escrituras deve seguir este mesmo padrão apostólico. Nenhum pregador, independentemente de onde

serve, é livre para reinventar a pregação. Se os púlpitos têm de experimentar a bênção de Deus, aqueles que os ocupam precisam seguir este exemplo atemporal em proclamarem a Cristo e ele crucificado. Deus honrará aqueles que honram a sua Palavra.

\'ào importa a audiência

Quer alguém ministre numa grande ou numa pequena cidade, quer este|a tentando alcançar a elite cultural ou incultos e ile-trados, quer esteja envolvido num ministério para estudantes ou num ministério para idosos, quer lidere um ministério par* adultos solteiros ou ensine numa classe de jovens casais, Cristo crucificado tem de ser a mensagem predominante. Com uma voz altissonante, para que todos ouçam, Jesus Cristo tem de ser a nota retumbante na pregação.

Esta verdade fundamental de Cnsto e ele crucificado tem de ser gravada na alma de todo pregador. Isto é o que Deus exige de todo homem que ele chama para pregar a sua Palavra. O tema predominante na pregação tem de ser a pessoa e a obra dc Crista

Gostaria de perguntar-lhe: esta mensagem centrada em Cristo descreve a sua pregação?

Você é conhecido por proclamar a Cristo e ele crucificado? O seu ministério se resume nesta atírmaçàc sucinta: nós pregamos a Cnsto e ele crucificado?

A primazia e a centralidade de Jesus Cristo devem ser verdadeiras em cada púlpita

Um caminho *diteio fiam a cruz*

Um grande pregador no século XIX, que proclamou a Cristo com sucesso inigualável, foi o pastor britânico Charles Haddon Spurgcon. H.stc ‘Príncipe dos Pregadores” acreditava que Cristo tinha de ser a peça central de todo sermão. Independentemente da passagem sobre a qual pregava, Spurgeon anunciava: 'Pego o meu texto e faço dele um caminho direto para a cruz”.' Em outras palavras, toda vez que ele subia ao púlpito, era determinado em estabelecer seu foco inalterável em Cristo e ele crucificado.

Um sermão sem Cristo, insistiu Spurgcon, c um sermão sem graça. Esse tipo de sermão, afirmou Spurgeon, não tem boas novas a declarar.

Um sermão sem Cristo c uma coisa horrível, extremamente desagradável. P um poso vm água, uma nuvem sem chuva, uma árvore duas vezes morta, arrancada pelas raízes. P uma Coisa abominável dar aos homens pedras ern lugar de pão e escorpiões em lugar de ovos, mas fazem isso aqueles que não pregam a Jesus. Um sermão sem Cristo! É como falar de pão sem farinha de trigo nele. Como isso pode saciar a alma? I lo-mens morrem e perecem porque Cristo não está na pregação-’

A preyação que Deu$ honra

Em pal.1vr.1s simples, Deus, o Pai. honra a pregação que honra o seu Filho. Se a nossa proclamação se afasta deste foco glorioso, a bênção de Deus estará longe dela. Deus abandonará a pregação que abandona a Cristo.

Portanto, comprometamo-nos a pregar a Cristo e ele crucificado. Quando ocupamos os nossos púlpitos, procuremos nunca perder de vista a cruz. Preguemos sempre como se estivéssemos à sombra do Calvário. Cristo crucificado tem de ser o principal assunto de tudo que dizemos.

O mais importante c manter a coisa principal como a coisa principal - e isso, em termos simples, é pregar a Cristo.

Capitulo 2

DISCURSO MANIPULADOR

A Pmihiçào tia Pregação Mundana

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-m o testemimho de Deus, não o fiz com ostentação dc linguagem ou *dc sabedoria (I Coríntios 2.1).*

Em grau alarmante, uma crescente quantidade de pregação em nossos dias pode ser descrita apenas como "discurso manipulador". Com isso estou mc referindo à forma dc comunicação na qual o pregador tem pouco a dizer, mas, infelizmente, o diz muito bem.

Esse tipo de pregação nominal satisfaz aos ouvintes por substituir a exposição bíblica por entretenimento. Substitui a teologia por teatro. Oferece avaliações saudáveis no lugar da sã doutrina. Nesta mudança infeliz, o drama da redenção dá lugar a simples apresentações teatrais. Essa pregação desprezível tem transformado muitos púlpitos em um palco dc fim dc semana para atores que se mascaram dc picgadorcs.

O que passa por pregação em muitos dos púlpitos contemporâneos é pouco mais do que "sermonetes" para 'enstonetes" Sem dúvida, você conhece exatamente o tipo de pregação à qual me refiro - discursos estimulantes de 20 minutos, cheios de clichês vazios, dicas dc autoajuda c *slogans* motivadores.

Pior do que a sua apresentação superficial é a sua doutrina superficial. Essas performances são terapêuticas, mas raranente teológicas. São divertidas mas não cativantes espertas, mas não convertem. Sua mensagem anêmica é tão vazia que de maneira alguma proclama o texto bíblico listado no programa do culto. Os ouvintes de alma faminta são deixados a perguntar: "Isto c tudo quehá?"

Infelizmente, essa comida espiritual de má qualidace se tornou o prato principal em muitas congregações emagrecidas. O resultado é que inúmeras igrejas se tornam fracas, mundanas e, pior, não convertidas. Quando a pregação desce ao nível de s<r pouco mais do que discursos em voga sobre

trivialidades temporais, a vida espiritual da congregação esta na sala de triagem. E as pessoas estão em necessidade desesperadora de serem levadas às pressas para a sala de emergência e colocadas em preservação da vida.

Esse tipo de pregação superficial não é algo novo. Era o que a igreja de Corinto desejava do apóstolo Paulo. Moldados pela cultura de sua época, os coríntios anelavam que um orador capaz de entre-tê-los ocupasse seu púlpito. Exigiam atores de conversa ag'adável e comunicadores que poderiam conquistá-los com seu estile.

O mundo romano antigo era inundado por cultura grega, e nesta, a primeira forma de entretenimento era a apresentação convincente de seus palestrantes públicos. Esses oradores de língua habilidosa eram as celebridades de seus dias. Eram os Ícones do mundo do século I. Seu discurso eloqüente era considerado a coroa de ouro da cultura grega. A eles pertenciam os mais elevados pedestais de um populacho adorador.

Para os cidadãos dc Corinto, a retórica pública cra algo elevado c nobre, algo quase divino. Era uma forma refinada dc expressão artística que substituía a violência selvagem das lutas de gladiadores e dos esportes bárbaros. A habilidade de falar em público procurava intencionalmente obter uma reação específica e desejada dos ouvintes. Este era o mundo em que os coríntios haviam sido criados. E isto cra o que eles exigiam do púlpito.

Resistindo a cultura

Muito frequentemente, o mesmo pode ser dito a respeito da pregação contemporânea. O sermão moderno tem sido descrito, tragicamente, como sendo muito largo e pouco profundo. Outros tem dito que a pregação dc nossos dias c um homem manso c bem comportado que exorta seus ouvintes mansos e bem comportados a continuarem sendo mansos e bem comportados.

A igreja contemporânea faria muito bem se atentasse à advertência de Paulo dirigida aos cristãos de Corinto. No momento presente, os pregadores têm de resistir à tentação de serem moldados pelos ditames culturais dc uma sociedade ímpia. Ouvidos ímpios sempre desejarão ser fascinados e não confrontados, cativados e não

desafiados. Aqueles que ocupam os púlpitos não devem se submeter a esses ditames, e sim manter o padrão de pregação aposto ico. Este modelo está gravado

permanentemente no texto inspirado que estamos considerando.

Dha|íh itii

Corinto

Paulo se deparou com muitas dificuldades em Coiinto. De uma maneira ou de outra, cada dificuldade existiu por causa deste conllito com a cultura grega. Por trás destas questões, havia as expectativas não satisfeitas da congregação em Corinto. Quando o apóstolo anunciou pela primeira vez o evangelho em Connto, um grupo razoável respondeu com fé em Jesus Cristo (At 18.8-11). Mas, logo depois da partida de Paulo, a atitude que muites dentro da igreja tinham para com ele começou a piorar. O problema crucial girava em torno do conteúdo e do estilo da pregação do apóstolo.

Clamando por um orador

De acordo com os melhores padrões da oratória antiga. Paulo não era uma figura impressionante. Os corintios eram acoíumados a *cuglotlui* de seus oradores - o discurso belo. Por exemplo, diz-se a respeito de um orador popular, Favorinus, que sua eloqüência tanto *emophoi* ("sábia") quanto potlus ("doce. agradável"). Ele atraía os ouvintes com a entonação e a inflexão de sua voz. E os cativava com o relance de seus olhos e a cadência de sua fala. Era necessár o um orador altamcntc capacitado para impressionar esses corintios i uminados No entanto, Paulo se sentia terrivelmente aquém do que os corintios desejavam. O apóstolo não tinha o discurso cheio de energia que fomentava um estilo convincente. Não tinha ;s frases irresistíveis da típica eloqüência grega. Ele era deficiente ra escolha de palavras sofisticadas com as quais os corintios eram acostumados. Paulo não tinha a dicção e a trajetória de voz apropriacas para levar uma multidão greco-romana a lágrimas ou a sorrisos. Parece que ele não tinha encanto pessoal e apelo magnético.

Ate a aparência física dc Paulo, conforme eles achavam, era inexpressiva. Ele não era atraente. Não estava à altura do que os corintios queriam em um orador público. Aos olhos deles, esse pregador itinerante era um peixe fora dágua na sua cidade sábia e mundana.

Provando do orador agradável

O que complicava o problema era o fato de que, r o ministério pastoral em Corinto, Paulo estava acompanhado de Apoio, um "homem eloqüente" (At 18.24). Pelo que tudo indica, Apoio era muito mais requintado do que Paulo em seu estilo de pregação. Este pregador havia conquistado o coração dos corintios de uma maneira que Paulo não conseguira. Rapidamente, essa paixão por Apoio causou divisões na igreja, visto que muitos diziam: "Eu sou., dc Apoio" (I Co 1.12). Paulo sabia que, se retornasse a Corinto, as pessoas talvez hesitariam em recomendá-lo a seus vizinhos e p;rentes.

Visto que Paulo não tinha o que os corintios esperavam no que diz respeito a oratória, marginalizaram a sua doutrina. Não podiam aceitar seu estilo de discurso franco e simples. Como resultado, eles falharam em dar consideração séria ao conteúdo da pregação do apóstolo. Por conseqüência, os corintios permaneceram com uma mentalidade carnal e ospintualmentc imaturos. Paulo lamentou esto fato, dizendo que podia falar-lhes apenas como "crianças em Cristo" (i Co 3.1-2). Ou seja. ele não podia dar-lhes a carne da Palavra, mas apenas o leite.

Isto o levou a abordar a obsessão deles por discurso elevado. Essa paixão mundana estava obstruindo o seu crescimento espiritual. Haviam se tomado presas da busca por estilo em detrimento do conteúdo c presas da oratória cm detrimento da doutrina. Por essi razão, o desenvolvimento deles na verdadeira piedade estava sendo restringindo seriamente. Um pequeno teto foi erguido sobre a igreja de Corinto, impedindo o amadurecimento das pessoas na semelhança a Cristo.

Um problema que permanece hoje

Este desafio obstinado que Paulo enfrentou em Corinto é exatamente o que muitos pregadores enfrentam hoje. Aqueles que ocupam os púlpitos estão sendo pressionados a se conformarem com is expectativas de ouvintes

obcecados por entretenimento. Estão senio tentados a renderem-se ao desejo de serem populares aos olhos do mundo. Sentem a sedução de mudarem seu estilo de pregação e de ajustarem sua mensagem a fim de acharem aceitação na cultura ao seu redor.

Pelo contrário, os pregadores devem permanecer firmemente comprometidos com a proclamação *do que* Deus adrma cm sua Palavra. Alem disso, eles devem aprcscntá-la *como* as Escrituras indicam que a verdade de Deus deve ser apresentada, não

importando

0 que a cultura diga. Embora haja diferenças na maneira como os pregadores anunciam a verdade, há limites do que se pode desviar da norma aceitável definida na Palavra de Deus. Todo àquele que é chamado por Deus para pregar tem de manter certas restrições em sua apresentação da mensagem para que não comprometa a mensagem. Km resumo, o meio afeta *rcalmcntc* a mensagem.

Martyn Lloyd-Jones, que foi um ministro do evangelho por muito tempo em Londres, resistiu a todas as pressões para adaptar sua pregação aos caprichos dos tempos. Ao refletir sobre a sua maneira de lidar com o púlpito, o Doutor usava uma analogia extraia de sua profissão anterior como medico. Quando desafiado a ser ma s compatível com o pensamento moderno, Lloyd-Jones afirmou: ‘Ninca deixo o paciente prescrever a receita”[1] Com isto. ele estava dizendo que nunca permitia que seus ouvintes ditassem o que ou como ele devia pregar.

Como *Não* **Pregar**

Ao descrever sua própria pregação, Paulo começou com uma negação fortíssima. Ele asseverou enfaticamente como *não* ministrara cm Corinto. O apóstolo disse: “Fu, irmãos, quando fui ter

1 A íont* duU <)<*ção atribufd* r>yul^>rm^{A}nlí • llifii-Jon., . il. ,c,nl-ícídi

convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria” (l Co 2.1). Estas palavras nos remetem ao

tempo da primeira visita de Paulo a Corinto. em sua segunda viagem missionária. Refletindo sobre este primeiro encontro, o apóstolo negou inflexivelmente haver proclamado uma mensagem mundana. Também nào recorrera a métodos de discurso mundanos, métodos que os corintios tanto apreciavam.

Se já houve uma cidade em que se devia usar estes dois artifícios de retórica "ostentação de linguagem" e "sabedoria" essa cidade era Connto. Esses cidadãos loucos por retórica aplaudiam habilidades oratórias superiores. Eles eram fascinados pela proclamação pública dc sabedoria humana. Sc Paulo tivesse ido a Corinto armado com estas dois instrumentos de oratória, poderia ter cativado facilmente a atenção das pessoas da cidade. Grandes multidões teriam se aglomerado para ouvi-lo. Paulo teria

contribuído facilmente para superlotar auditórios.

Se em Corinto Paulo tivesse ido de casa em casa, feito uma pesquisa entre as pessoas c perguntado o que desejavam achar em uma igreja, elas teriam respondido entusiasticamente: 'Dê-nos superioridade de linguagem e sabedoria; e assim iremos à igreja". Os corintios se apinhavam para ouvir oradores que empregavam esses artifícios populares.

No entanto, Paulo não recorreu a essas táticas vazias. Recusou francamente empregar técnicas mundanas numa tentativa de

ganhar audiência. Esta não foi a maneira como ele apresentou o evangelho às pessoas de Corinto.

Igualmente, nenhum pregador contemporâneo deve se render a um comprometimento. Um dependência de métodos carnais é inapropriado para aqueles que Deus comissiona. Esta maneira inferior de apresentar a mensagem é proibida inequivocamente para todos os servos de Deus. A bênção do céu não acompanha a pregação que é feita de maneira mundana.

Sem ostentação de linguagem

Quando Paulo mencionou 'ostentação de linguagem" estava se referindo a técnicas mundanas no discurso público. Especificamente, Paulo tinha cm

mente aqueles métodos obtidos dos oradores gregos de seus dias. A apenas 45 km de Connto, estava a cidade de Atenas - o berço da filosofia grega e o epicentro de sua cultura refinada. Foi ali que nasceram e viveram os grandes filósofos. Foi ali que os grandes oradores aprenderam suas habilidades de discurso. Por causa de sua proximidade, o que surgia em Atenas logo se exibia em Corinto.

Linguagem ostentosa rejeitada

O significado exato de ‘ostentação" - como em “ostentação de linguagem" - é linguagem “elevada*. É uma referencia metafórica à linguagem que se comunica pelo uso de palavras elevadas ou de retórica bombástica. Podemos dizer que esse tipo de orador usava palavras bonitas ou linguagem pomposa.

Paulo recusou resolutamente pregar desta maneira. Ele disse: "Eu não fui com uma linguagem acima do nível de compreensão de vocês. Não exibi meu intelecto com um discurso sofisticado". O apóstolo afirmou enfaticamente que não dependeu de linguagem imponente ou retórica elevada para impressioná-los. Se i>to fosse a fonte de seu apelo, Paulo sabia que os perderia certamente para o próximo orador fascinante que viesse a Corinto.

Quando o apóstolo disse: “Não o fiz com ostentação de linguagem", ele quis dizer que não falava como os oradores gregos. Ele não bajulava os seus ouvintes ou empregava técnicas conjecturadas para manipular as pessoas. Ele não recorria a táticas de retórica ou a inflexões vocais treinadas para hipnotizar os coríntios apaixonados por essas coisas.

Paulo não dependia de estratégias de debate aprendidas ou de gestículação convincente para expressar seus argumentos. Também não empregava eloqüência brilhante ou habilidades cênicas aprendidas em Atenas. Não colocava uma máscara de fingimento, como se estivesse num palco, para desempenhar um papel. Ele náo se apresentara como se fosse o que náo era. F.m síntese, o apóstolo náo usava a arte de linguagem elaborada para conseguir uma resposta da* pessoas.

Nenhum truque permitido

Paulo disse resolutamente: 'Vocês sabem que náo estive aí agradando os seus

ouvidos, como o fazem outros oradores. Náo ten-

lei me aproveitar de vocês". É óbvio que o apóstolo não acreditava no mantra que muitos cantam em nossos dias se a mensagem permanece a mesma, o método é livre para ser mudado. Pelo contrário, o apóstolo afirmava que não somente a mensagem é estabelecida por Deus, mas também os parâmetros para a sua apresentação.

Os pregadores *não* devem confiar cm técnica c esperte/a hamana.

Infelizmente, a pregação de nossos dias é muitas vszes uma paródia da própria abordagem que Paulo se recusou a adotar. A mensagem do evangelho é "empacotada' engenhosamente e 'vendida" ao mercado para "fazer o produto ser bem sucedido" Nesta perspectiva grosseira, os pecadores são vistos como "consumidores".c a pregação, como uma "tática de venda" evangellstica. Os sermões são preparados como apresentações espertas que têm o desígnio de "fechar o negócio" com potenciais

compradores. Se necessário, os pregadores usarão qualquer abordagem "agradável ao consumidor" que eles acreditam 'fisgará" o "interessado". Com esta abordagem antropocéntnca para com a pregação, o método de venda agradável está na moda.

Aqueles que veem seu ministério de pregaçáo desta maneira recorrerão a todo tipo de truques evangélicos numa tentativa de fazerem crescer suas igrejas.

Tudo isso é feito para tomar o púlpito modernoe chique, na esperança de reunir multidões e conquistar seguidores. A liderança da igreja tem colocado, cvidentcmcnte, a sua confiança na loquacidade do mensageiro e não na seriedade da mensagem. É isto que as

Escrituras ordenam que os pregadores façam? Este é o modo que Deus ordena seus servos devem usar para alcançar o mundo? A resposta é um estridente não.

Essa "ostentação de linguagem'' é estritamente proibida por Deus. Quando o apóstolo Paulo explicou sua maneira de ministrar para os corintios, ele estabeleceu um padrão permanente para todos os pregadores em todas as

gerações: esta é a maneira como os homens mio devem pregar a Palavra de Deus. Temos de recusar esse fruto proibido, que é totalmente podre. Em outas palavras, é importante para Deus o modo como a sua Palavra é pregada.

\ *'ào com sahednria mundana*

Além de se referir à sua maneira de pregar a Palavra, Paulo recordou aos corintios que fora até eles não com "sabedoria". Estava se referindo à sabedoria humana de cosmovisões seculares. Ele disse: ”Nào fui até vocês com filosofia mundana" No mundo antigo, "sabedoria" se refena à filosofia grega. De fato, o termo grego yJ/cw/w significa. Iiteral-mente, “o amor dc sabedona" Esse discernimento carnal tenta construir uma cosmovisáo carnal que procura dar sentido à vida sem Deus.

Paulo não tentou condimentar a sua mensagem por citar filósofos gregos como Homero, Platão, Aristóteles e Sócrates. Ele não recorreu a perspectivas antropocéntncas sobre o mundo. Paulo recusou acrescentar ao menos uma gota do pensamento poluído do homem à pureza límpida do evangelho.

Quando Paulo disse que se recusou a recorrer à sabedoria humana, escava dizendo que

não queria apelar às ideologias seculares extraídas da filosofia grega. “Ostentação de linguagem' diz respeito *ao estilo* de sua apresentação da Palavra de Deus, e 'sabedoria”, ao seu *conteúdo.* Aquela sc refere ao método de comunicar; esta, ao próprio conteúdo. Km outras palavras, “sabedoria” c *o que* alguém diz, "ostentação de linguagem" é *como* ele o diz. Paulo rejeitou categoricamente ambas as coisas.

Sabedoria humana recusada

Quando Paulo pregou aos corintios, ele não ofereceu um diagnóstico mundano sobre a condição espiritual do homem - que o homem está bem ou mal, mas certamente não está morto. Também não ofereceu as prescrições do mundo para curar os doentes infestados pelo pecado. O remédio mundano não curará os mortos, apenas prolongará a morte. Se Paulo tivesse exercido essa medicina, tena ficado culpado no tnbunal do céu, culpado dc mau exercício do ministério.

fi claro que a filosofia grega fazia muitas perguntas corretas sobre a vida; de onde eu vim? Quem sou eu? Para onde estou indo? O que é a vida? Por que estou aqui ? Qual o sentido da vida? O que é a verdade? Como posso achar felicidade? Como devo viver?

Além disso, a filosofia fazia as perguntas certas sobre o pós--morte: o que é a morte? Aonde vou após a morte? O que acontece na morte? Estarei com Deus? Serei aceito por ele?

O *Tipo à* * Piryvftd» </*kc* P«li Aft*npa

No entanto, os filósofos gregos falharam em prover as respostas certas para estas perguntas esquadrinhadoras da vida. Baseados em seu próprio discernimento limitado, eles produziram perspectivas mundanas, como o fazem muitos pregadores nestes dias.

Paulo condenou enfaticamente esta abordagem corrupta na pregação. Para os corintios, ele disse: *'Não* fui até vocês desta marcira. *Não* lhes dei um diagnóstico mundano de seus problemas" Ao contrário, Paulo não tinha nada a dizer além da Palavra de Deus. Seus láb.os proferiram somente o que Deus lhe confiara. A cultura nada lhe ofereceu que fosse digno de ser proclamado ou endo. Em vez disso, em sua pregação, o apóstolo se fundamentou exclusivamente na sabedoria divita.

A Sabedoria que Divide

Paulo foi fiel em pregar a salvação *somente* em Cristo. Não houve qualquer hesitação em sua voz. Nenhum gaguejo em suas palavras. Nada a respeito de verdade negociável. Sua mensagem foi alta c clara. A morte de Cristo, que levou o nosso pecado, foi o tema predominante em sua pregação. A cruz foi o principal assunto de seu ministério. A obra salvadora de Cristo, em sua morte viciria, foi o tema central da doutrina de Paulo.

Para as pessoas que viviam nos dias de Paulo, a cruz era pura tolice. A mensagem de salvação somente em Cristo era corsiderada loucura pelos homens - até na igreja. Podemos entender essa resposta espiritualmente cega da parte do mundo. Mas não da parte da igreja! Contudo, isso era o que Paulo estava enfrentando.

Àqueles que creem verdadeiramente. Paulo disse que Cristo crucificado é tanto o poder quanto a sabedoria de Deus. Ele escreveu no capitulo anterior: ”A palavra da cru/, c loucura para os que sc perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de icus” (I Co 1.18). De acordo com esse texto, a cruz é o marco divisor de toda a humanidade. A mensagem de Cristo crucificado sep;ra a raça humana em dois grupos distintos. Cada pessoa que vive no mundo está perecendo ou sendo salva. Esta grande divisão cnsda pela cruz tem de ser a mensagem predominante de todo verdade ro pregador.

C) *desprezo de Deus para com a sabedoria humana*

Quando Paulo desenvolveu seu argumento, de anunciou o total desprezo de Deus quanto à sabedoria humana. O apóstolo citou o texto de Isaías 29.14, no qual Deus mesmo e aquele que fala. Ele declarou: ‘Está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios c aniquilarei a inteligência dos instruídos” (I Co 1. 19) Em termos inconfundíveis, Paulo denunciou toda a sabedoria humana que procura substituir ou suplementar a revelação divina. Qualquer sabedoria rival *não* será tolerada por Deus.

Com certeza, estas duas escolas de sabedoria - a de Deus e a do mundo - não podem coexistir, mas são contrárias ama ã outra. Deus despreza a sabedoria deste mundo. Ele está cm completa ini-

si

mizade com o amor do homem por sua própria racionalidade. Aqui, Deus promete que

aniquilará todo o pensamento humanista. Ele já julgou essa sabedoria e a colocou sob a sua condenação. O Senhor exporá todas as mentalidades seculares como elas realmente são -nada, senão mentiras condenatórias.

Em sua insanidade arrogante, os homens afirmam que são mais sábios do que Deus, ao asseverarem seu próprio pensamento e abordagem quanto à vida. E aqueles que os ouvem procuram, em grande número, as cisternas rotas da filosofia humanista ceies, em busca de respostas para a vida. Mas tudo que descobrem são reservatórios vazios que escarnecem de sua sede.

Toda a sabedoria criada por homens é tolice c conànatória. E Deus expõe a completa tolice de tal sabedoria. O que parece ser loucura na cruz é, na realidade, infinitamente mais sábio do que os homens mais sábios em sua própria maneira de pensar. A fraqueza aparente de Cnsto crucificado é mais forte do que aquilo que os mais fortes dos homens podem oferecer em sua própna maneira de pensar. Pela pregação da cru/. Deus destrói a sabedoria dos sábios. ?or meio de Cristo crucificado, ele aniquila a inteligência dos instruídos.

Deus zomba dos sábios

A genialidade infinita de Deus na cruz levou Paulo a escarnecer dos sábios deste mundo. O apóstolo os repreendeu: "Onde esti o sábio? Onde. o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?' (1 Co 1.20). Essas perguntas retóricas implicavam em respostas tão óbvias que Paulo não precisou respondé-las. Não há um sábio autodesignado neste mundo que seja capaz de se opor á maravilhosa genialidade de Deus na cruz. Ninguém pode competir com a absoluta inteligência de Deus.

Todas as ideologias dos homens são cspiritualmcntc falidas. São empobrecidas por sua incapacidade de salvar. Somente Deus é o autor da sabedoria salvadora. Todo pregador tem de ser profundamente convencido desta realidade, pois, do contrário, não tem qualquer direito ao púlpito. Deve pregar a verdade de Deus no evangelho, pus, do contrário. será um instrumento dc condenação das almas dos homens.

Sem hesitação ou timidez. Paulo intensificou seu atique contra a sabedoria mundana.

Ele afirmou ousadamente: "Na sabeduria de Deus, o mundo não o conheceu por sua

própria sabedoria" (1 Gj 1.21). Com isto, Paulo declarou que a sabedoria do homem jamais pode levar alguém a Deus. A sabedoria humana é um caminho largo que conduz à perdição, jamaiso caminho estreio que conduz à vida. Qualquer religião sem a exclusividade da cruz leva somente à condenação elerna. Em sua tolice futil, os homens pecaminosos estão perecendo na ir

credulidade.

Depois, Paulo reconheceu os dois tipos de incrédulos que recusavam a cruz em seus dias. Pnmeiramente, os judeus religiosos queriam uma religião de poder. Anelavam por um Messias que fosse um realizador dc milagres. Desejavam um líder polit co que destruiria o jugo da opressão romana. Paulo disse: "Os judeus pedem

sinais" (i Co 1.22). Israel esperava por um homem que restauraria a sua nação ao seu estado aristocrático. Esperava por alguen que introduziria estabilidade política e independência de Roma. A última coisa que eles queriam era um Salvador do pecado e do Julgamento.

Em seguida. Paulo explicou que os gentios queriam ama filosofia brilhante. Ele escreveu: *Os gregos buscam sabedoria" (1 Co 1.22). Ou seja, o mundo gentílico procurava uma nova cosnovisão. Queriam uma nova maneira de considerar a vida. Estavam intrigados com maneiras criativas de examinar o mundo. Queriam ser intelectualmente estimulados por uma nova filosofia.

Mas não tinham nenhum interesse em um Salvador, certamente não um salvador que os salvasse da ira divina. Apesar do anseio carnal dos gentios, Paulo se recusou a dar-lhes o que queriam. Em vez disso, permaneceu fiel ao evangelho e pregou a cru».

.A i'ã *sutileza da filosofia*

Em outra epístola. Paulo advertiu os crentes quanto i adoção de qualquer forma de sabedoria humana: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vás sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo" (Cl 2.8). A filosofia tem de ser totalmente evitada, o apóstolo admoestou, porque ela enlaça seus seguidores com "vãs sutilezas". Abordagens humanistas da vida talvez pareçam profundas, mas, na realidade, são apenas reafirmação dos princípios eementa-res do pensamento vazio do mundo.

Essas cosmovisões autoconvencidas, escreveu Paulo, são 'conforme a tradição dos

homens”. Sua mentalidade secular é nada mais do que a aigumentaçáo cega do homem que se perpetua de geração em geração. É o mesmo veneno antigo, mas com um novo rótulo. A respeito desta sutileza, Salomão escreveu: ‘Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá cm caminhos de morte” (Pv 14.12). A filosofia humana leva à morte espiritual e à destruição etema - sem exceções.

Anunciando o testemunho de Deus

Apesar do clamor dos coríntios por sabedoria. Paulo se recusou a satisfazer as exigências deles. Em vez disso, o apóstolo insistiu cm proclamar cxclusivamcntc a revelação divina na cruz. Paulo permaneceu inflexível e fiel à mensagem eterna, que ele identificou como ”o testemunho de Deus” (1 Co 2.1). O poder, afirmou Paulo, está na profunda verdade da cruz.

Em vez de imitar as mensagens culturais da época. Paulo foi a Corinto c anunciou o testemunho de Deus. ü apóstolo se preocupou tanto com o *estilo* (‘anunciando”) quanto com o *conteúdo* (‘o testemunho de Deus”) do que Deus exigia em seu ministério de pregação. "Anunciar” a mensagem descreve a *maneira* pela qual ele apresentou a verdade. Paulo foi a Corinto e declarou obrigatoriamente a mensagem de salvação da parte de Deus. Em forte contraste com aqueles que ofereciam filosofias mundanas, ele foi a Corinto c proclamou a verdade inalterada do ccu. De modo algum, ele rccor-

reu a 'ostentação de linguagem”. 0 evangelho tem ser declarado em toda a sua pureza, não diluído com a sabedoria do homem.

Em vez de prescrever opiniões humanas, Paulo anunciou 'o testemunho de Deus”. Ele declarou a imaculada verdade do próprio Deus. ü apóstolo via a si mesmo meramente como um porta-voz do que Deus tinha a dizer.

_

O que Aconteceu com a Pregação do Evangelho?

Quando olhamos à nossa volta, parece que estamos numa época de extremo sucesso da pregação do evangelho. Afinal de contas, megaigrejas florescem em muitos lugares. Algumas casas de adoração ostentem frequências que excedem a 20.000 pessoas por semana. Uma dessas congregações florescentes até achou santuário num estádio da MBA. Conferências cristãs estão lotando grandes estádios para noites de ensino.

Televisões cristãs transmitem programas ao redor de todo mundo via satélite. Parece que a pregação tem mais influência do que em qualquer outro tempo.

Nem tudo é ouro

No entanto, a igreja de hoje não é tão saudável quanto talvez pareça a princípio. Nem tudo que reluz é ouro. Removendo este verniz da popularidade evangélica, James Montgomery Boice escreveu: "O

evangelicalismo está seriamente errado em nossos dias, porque abandonou sua herança da verdade evangélica... Em vez de tentar fazer a obra de Deus à maneira de Deus, o evangelicalismo está tentando construir um reino terreno próspero com instrumentos seculares Isso c a impotência da sabedoria humana no púlpito contemporâneo.

.A *PalavTa fez tudo*

Em acentuado contraste com esta situação, está o que aconteceu durante a Reforma, que se espalhou pela Europa no século XVI e virou o continente de cabeça para baixo. Reinos cambaleavam. Roma estava cm agitação. A igreja estava despertando. Pediram a Martinho I.utcro que explicasse o seu sucesso. O grande reformador respondeu com uma confiança inabalável na Palavra de Deus. Ele declarou: *Eu apenas ensinei, escrevi e preguei a Palavra de Deus. Além disso, não fiz nada. E, enquanto dormia... a Palavra enfraqueceu tão grandemente o papado, que nenhum príncipe ou imperador jamais infligiu

tamanhas perdas sobre ele. Eu náo fi/. nada. A Palavra fez tudo".'
Este movimento, ele disse, estava edificado sobre o alicerce inabalável da Palavra de Deus.

Nada mudou nos últimos 500 anos. No momento presente. os pregadores tém de. em seu ministério, continuar confiando cxclusivamcntc no poder da Palavra de Deus. fi cm sua confiança

í B.vKf lYlwlov>Hapr'›T.-dfcl*<0>r«í'’/G™«’$_1$ W.

5 Marinho Lutou, *lurhai* hMí. vol. SI, ei John W. Dobcrccin (PhCadíphu: Fortreu, IV59),77.

que você serve a Deus? Ou, em sua pregação, você confia apenas no testemunho de Deus? Se este é o seu caso, você está em toa companhia. Está em harmonia com o apóstolo Paulo e inúmeros outros que abalaram este mundo para Deus.

A Necessidade do Momento

Permita-me ser claro: o que é pregado importa para Deus. Também importa para ele *como* eu prego. Nenhum homem é livre para pregar o que e como resolva pregar. Todo mensagei'0 designado por Deus está sob o mandato estnto de apresentar a verdade de uma maneira que se harmom/.a com o que Paulo afirmou em 1 (Joríntios 2.1-9.

O tipo de pregação que Deus abençoa envolve a proclamação do ‘'testemunho de Deus”. No púlpito nào há lugar para “ostentaçio de linguagem”, nem lugar para a sabedoria do homem. Uma mensagem carnal entregue com uma pregação carnal tem de ser rejeitada a tedo custo. O evangelho nunca deve ser tnvializado por proclamações carnais.

Não nos sujeitemos ao tempo em que vivemos. Km vez disso, preguemos com ousadia a Palavra de Deus. Nào confiemos nos artifícios humanos. Pelo contrário, confiemos no poder salvador do próprio evangelho.

Capitulo 3

UM TEMA PREDOMINANTE

A Preeminência de Cristo na Pregação

Porque decidi nuda saber entre vós. senão a Jesus Cmio e este crueificado (I Coríntios 2.2).

Fm toda pregação, deve haver um tema principal. De cada púlpito, deve haver uma nota predominante que ressoa. Em toda mensagem, deve haver uma verdade central exposta. De uma maneira ou de outra, esta verdade central tem de ser Cristo e ele crucificado. O Senhor Jesus Cristo deve ocupar *sozinho* o lugar central em cada sermão.

A csscncia do cristianismo c centralizada no Senhor Jesus Crista A síntese de ser um cristão c confiar cm Cristo com a totalidade de seu ser. A altura da vida cristã é adorar a Cristo; a sua profundidade, amá-lo; a sua largura, obedecer-lhe; e o seu cumprimenta segut-lo. Tudo na vida cristã gira em torno de Jesus Cristo. Em palavras simples, o cristianismo é Cristo.

Um Foco Singular

'Ioda a Biblia sc focaliza no Senhor Jesus Cristo, qu: veio ao mundo para salvar pecadores. Do início ao fim, toda a Escritura fala com uma única voz a respeito da primazia da morte salvadora de Cristo. Isto *è* o forte batimento cardíaco tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, que bombeia vida divina à alma das pessoas. Pregar a Bíblia significa, principalmente, pregar a Cristo * ele crucificado.

Cristo, *dominante nu pregação*

Porque Cristo é preeminente em toda a Escritura, ele tem de ser dominante na pregação bíblica. Pregar a Bíblia de mareira correta implica proclamar fielmente a Cristo. Proclamar com fidelidade a Palavra escrita exige que preguemos a Palavra viva. Toda pregação bíblica tem de declarar Cristo como seu tema dominante. Visto que a Bíblia sc centraliza cm Cristo, a verdadeira pregação tem de ser, igualmente, centralizada em Cristo.

Com isto em mente, Paulo explicou que o tema predominante de sua pregação era Cristo e ele crucificado. A cruz era a essência e a totalidade da teologia e da pregação do apóstolo. Esse foco centrado em Cnsto é o mandato de todo aquele que sobe a um púlpito. Em toda pregação, Cristo tem *Ac* ser o assunto principal.

Esta *è* a ênfase de Paulo em 1 CoríntiúS 2.1-9. Já consideramos o versículo 1 no capítulo anterior, por isso, seguiremos para o versículo 2.

\ (|tu' I - ulu 1 nrr^.m

No versículo 2, Paulo afirmou: ‘Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. Com esta afirmação, Paulo declarou que estava firmemente resolvido a ser centrado em

Cristo em sua pregação. Não podia se deixar desviar para uma questão menor. Não se importava com o que seus ouvintes desejavam. Apesar dos desejos deles, Paulo lhes apresentou Cnsto.

Paulo não sc preocupava com a maneira como era recebido nas diferentes cidades em suas viagens missionárias. Também não se preocupava com as opiniões populares ou com as percepções dos outros. Mesmo em face de vozes dissidentes, o apóstolo se manteve inflexivelmente decidido a pregar Cristo crucificado.

Unia mentalidade exclusiva

O foco restrito de Paulo pode ser visto nesta única palavra: ‘decidi” (no grego, fcrruo). que significa "julgar de maneira judicial solene’. Ela possui a ideia de ”dar um veredito” ou "dar uma sentença”. Neste contexto, "decidi” significa que Paulo havia emitido um veredito resoluto de seguir este curso de ação. Ele estava inflexivelmente determinado e firmemente decidido. Paulo fixara em sua mente a resolução de pregar a Cristo. Ele não podia se desviar desta mensagem.

Quando Paulo disse “senão*, ele pretendia dizer que não pregava nada *exceto* Jesus Cristo e a centralidade da cruz. A essência de sua pregação entre os coríntios era Jesus Cristo e ele crucificado. Com certeza, Paulo pregou ”todo

o desígnio de Deus” (At

20.27), expondo todas as doutrinas que Deus lhe revelara. Mas ele disse: “Não sei nada entre vocês, senão a Jesus Cristo e ele crucificado". Toda área da verdade divina revelada a Paulo estava arraigada e fundamentada na primazia de Cristo crucificado.

Nesta afirmação, está implicito o fato de que Paulo nada sabia da sabedoria humana dos filósofos gregos. Ele não imitava o mantra mundano de filosofia humanista. Nunca proclamava psicologia humana ou sociologia humana. Não anunciava humanismo secular ou religião comparativa. Paulo não sabia nada de pensamento positivo ou discursos motivacionais. Ele decidiu nada saber, exceto Jesus Cristo e ele crucificado.

Um foco singular tia pregação

Com determinação inabalável. Paulo foi a Corinto para cumprir o propósito único de tornar conhecido o Filho de Deus crucificado, Jesus Cristo. No capitulo inicial de 1 Coríntios, Paulo afirmou de modo sucinto a sua mensagem primária, quando disse: ‘Pregamos a Cristo crucificado" (1.23). Sem nenhum receio, ele anunciou que o centro de gravidade de sua mensagem era a mo'te salvadora de Jesus Cristo. Embora esta mensagem seja ofensiva à mente incrédula, ela é gloriosa para todos os que creem. Embora fosse loucura para os corintios, a cru/, c o poder dc Deus para todos os que confiam sua vida a Cristo.

Pregar Cristo e ele crucificado significa proclamar a pessoa de Cristo e o poder de sua morte. Essa proclamação exalta a suficiência de sua morte em salvar pecadores. Na pregação, nenhuma outra ênfase deveria afastar-nos desta verdade proeminente de que Jesus realizou a salvação por meio dc seu sacrifício cm favor cc pecadores. Por meio dc sua morte expiatória, Jesus redimiu todos que põem nele a sua confiança.

Por meio de sua morte vicána. Jesus não apenas tornou a salvação hipoteticamente possível, baseado na resposta do homem. Ele salvou *realmente* um número definido de pecadores. A verdadeira pregação anuncia a cruz como o único meio dc salvação. Aqueles que se acham cm servidão ao pecado são redimidos pelo sangue de Cristo.

Essa pregação revela constantemente os atributos de Deus na morte de Cristo. Essa pregação exalta a soberania de Deus na morte de seu Filho. Toda pregação tem de proclamar ousadamente que o Deus santo c reconciliado com homens pecadores por -

ncio do sangue do Cordeiro.

O lona dominante

Matinho Lutero era comprometido com esse tipo de pregação franca. O ponto focal de

sua pregação era a verdade de que a salvação c *iolus Umstus* - somente em Cristo. Ele afirmou: “Eu prego como se Cristo tivesse sido crucificado ontem, ressuscitado dos mortos hoje e estivesse voltando ao mundo amanhã”.[1] Lutero pregou incansavelmente a Cristo em sua exposição das Escrituras.

Muitas pessoas associam comumente a pregação de Lutero com o livro de Romanos e à)ustificação pela fé. No entanto, este homem importante pregou apenas 30 sermões sobre esta epístola.

0 que muitas pessoas não sabem é que este campeão da fé pregou mais de 1.000 sermões sobre os evangelhos sinóticos - sermões que se focalizam diretamente em Cristo. Além disso, ele pregou mais de 100 sermões baseados no Evangelho de João. O fato é que Lutero pregou mais sobre o Evangelho de João em um único ano do que o fez sobre Romanos em todo o seu ministério.

O que poderia explicar essa grande ênfase em Cristo na pregação de Lutero?

Lutero compreendeu que os quatros evangelhos eram um tesouro inesgotável de verdade que revela o Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele escreveu: “Pregamos sempre a Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que morreu por nossos pecados e ressuscitou

para a nossa justificação. Este talvez pareça um assunto limitado e monótono, que logo será esgotado, mas nunca chegamos ao seu fim / Lutero sabia que pregar a Cristo era um assunto ilimitado.

Em outra ocasião, Lutero afirmou: "Os pregadores não tém qualquer outro ofício, senão o de pregar o Filho, Cristo. Que eles cuidem de pregá-lo assim ou fiquem em silêncio".' Com isto. I.utero revelou que se gloriava em apresentar a Cristo em sua pessoa e obra. Ele não tinha nada a dizer além de Jesus Cristo. Qualquer sermão que falhou em apresentar Cristo falhou miseravelmente.

Se tem de acontecer uma nova Reforma neste tempo, tem de haver uma reforma do púlpito. Essa restauração envolverá restaurar Cristo como o principal foco no púlpito. Tem de haver um retorno decisivo a fazer de Cristo o ponto focal de toda pregação.

Pregando Cristo Crucificado

Para o apóstolo Paulo, pregar Cristo crucificado significava que ele tinha de anunciar a pessoa de Cristo como plenamente Deus e plenamente homem. Ao mesmo tempo, Paulo pregava a obra salvadora de Cristo na cruz. Esta era a mensagem que lhe fora confiada por Deus. Paulo nunca se desviou para outra mensagem,

2 R<v J.ilm Ksf, *lidara* en *tkiHUÍo/y* Prruiliiuf (I_mif.m: Huldc and Siougj-.Uvn. 1883), 154-56.

» Mar Unho Lutmt, Ti.- *Cíoh/wM** to Marti" fulfi.y. *eà.* IXiiuU K. McKlm

<CunhthÍ4*. UK; Cambridijc Uhivmlty Prr» 20ÜJ). I *ií.*

nem para uma ênfase contrária. E!e permaneceu fiel a esta verdade do evangelho.

A suprema pessoa *de Cristo*

Em 1 Coríntios 2.2, Paulo afirmou de modo sucnto que ele pregava "Jesus Cristo". Km termos específicos, esti proclamação incluía anunciar que Jesus é o Filho eterno do Deus vi-vente, o Criador não criado que do nada trouxe à existência todas as coisas. Paulo ensinou que Jesus possuía toda* os atributos divinos que pertenciam exclusivamente a Deu?. Sendo plenamente Deus, Jesus é coigual e coeterno com Deus, o Pai, e Deus, o Espírito.

Além disso, o apóstolo ensinou que Jesus tomou para si mesmo a

humanidade impecável em seu nascimento de uma virgem. Concebido pelo Espírito Santo em Maria, Jesus se tomou o Deus-^homem, mas sem pecado.

Paulo pregou que Jesus, durante seus dias terrenos, viveu sob a lei (Gl 4.4) e a cumpriu perfeitamente. Jesus era o modele perfeito de)ustiça. Era o grande Profeta prometido por Moisés (Dt 18.15), o grande expositor da lei. Km seu ministério público, Jesus demonstrou que era o Filho de Deus, por meio de milagres, sinais c maravilhas (At 2.22).

Com certeza, proclamar a pessoa gloriosa de Cristo era o âmago da pregação de Paulo.

A ohra salvadora de Cristo

Paulo foi também Hei em proclamar a obra salvadora de Cristo na cruz. O apóstolo anunciava que Jesus se tomou um sacrifício perfeito cm favor dos pecados do homem, quando foi feito maldição em lugar dos pecadores (Gl 3.13). Paulo ensinou que a morte salvadora de Cristo, na cruz, foi suficiente para todos que invocariam o seu nome.

Os benefícios eternos da morte de Jesus são, “da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (I Co 1.30). Isto significa: a sabedoria da cruz declara que Cristo proveu justiça perfeita, santificação purificadora e redenção da servidão ao pecado e a Satanás. Como um servo de Deus, Paulo estava sob o mandato divino de pregar estas verdades com devoção inabalável. Ele deveria resistir qualquer distração que o impeliria em outra direção. Ele jamais deveria se desviar da cruz.

Jesus Cristo c o tema predominante cm sua pregação? No púlpito, você exalta a obra salvadora e o senhorio soberano de Cristo? Em seu ministério, você o mostra constantemente aos seus ouvintes? Você exorta as pessoas a confiarem sua vida a Cristo?

Um Mensageiro Fiel

Como pregador, Paulo foi designado por Deus para ser um arauto de Cristo crucificado. Ser um arauto é totalmente diferente

de sei um orador. Um arauto é julgado apenas com base na fidelidade da entrega da mensagem exatamente como ela lhe foi confiada. Ele não é responsável pela resposta dos ouvintes. Em vez disso, o seu trabalho consiste em entregar fielmente a mensagem.

Enquanto um orador é medido pela resposta que é capaz de obter dc seus ouvintes, isso nào acontece com o arauto. Um orador c norteado por resultados, o arauto é norteado pela mensagem.

Um porta-voz paia o seu senhor

Conforme definido por Gustav Friedrich em *Theological Dic-tionary ojThe New Testament* (Dicionário Teológico do Novo Testamento), um arauto (no grego, *keryx) è* alguém fiel em entregar a sua mensagem exatamente como lhe foi dada. Friedrich escrew:

O fato essencial sobre o relato que eles apresentam *é* que rio se origina neles mesmos. Por trás da mensagem, hã um poder superior, ü arauto nào expressa suas próprias opinióes. Et é um porta-vor. para o seu senhor Os arautos adotam a mcitc daqueles que os comissionam e agem com toda a autoridade de seu senhor... No geral, o arauto apenas entrega mensagrns curtas, apresentam perguntas e tra/cm respostas... F.le é restringido pelas instruções precisas daquele que o comissiona.*

4 Gattav Irirdrich, *kcrtpm', ri* Uerhirrf KiBrl, TfccrfegKal *OXUcunpj* 7hi .Vm- *TnU''>c<il* (Gttiui k.;.ld>: E-r4maitt, 19*0. 1:68?-SS

Ao realizar sua missão, o arauto confiável nunca deve ficar distraído. Ele tem apenas de anunciar a mensagem e, depois, retornar ao soberano que o enviou para receber ordens posteriores. Quanto ao papel do arauto, Friedrich explica:

O bom arauto nunca ficará envolvido cm conversas demoradas, mas retomará logo que houver entregue a sua mensagem... Em geral, ele é apenas um instrumento executivo.

Sendo apenas a boca do seu senhor, ele não deve falsificar a mensagem que lhe foi confiada, fazendo acréscimos oriundos de si mesmo. Ele tem de entregar a mensagem exatamente como lhe foi dada... Tem de preservar

estritamente as palavras e a» ordens de seu senhor.'

Era exatamente assim que Paulo via a si mesmo. Ele era um arauto que tinha de ficar estritamente preso à mensagem que lhe fora dada. Deus o comissionara com a mensagem do Cristo crucificado. Esta verdade tinha de ser proclamada. Apesar das expectativas dos corintios, Paulo entendia que não devia moldar a mensagem para torná-la mais atraente, na esperança de ganhar seus ouvintes. Para o apóstolo, a mensagem do evangelho era inalterável.

Paulo sabia que não podia mudar sua mensagem ou manipular seus ouvintes para conseguir algum resultado desejável. Ele devia

5 Frminch. 'í<ixv«i" ed Kulõ. *ThaipfUjlDátioaiiy4^{A}lí\<NovTVt\!mímc* .V6S7-88.

entregar a mensagem que lhe fora confiada e deixar os resultados com o seu Senhor.

Deixando os *resultados com Deus*

Ao entregar a sua mensagem, um arauto se deparará com diferentes respostas de seus ouvintes. Mas isto náo dtve ser a sua preocupação. Independentemente da aceitação que o próprio arauto possa desejar da parte de seus ouvintes, ele náo deve permitir que o resultado desejado afete a sua entrega da mensagem.

É importante reconhecer que. em última análise, a resposta dos ouvintes a uma mensagem reflete a atitude deles para com *aquele que enviou* a mensagem e náo para com o próprio mensageiro. Sob nenhuma circunstância, um arauto pode mudar a sua mensagem para conseguir uma resposta melhor. Ele também náo pode negociar a mensagem para torná-la mais agradável.

A implicação disto é que um arauto não pode ser norteado por sucesso. Km vez disso, ele tem de ser norteado por obediência. Ele é um homem arregimentado sob as ordens de seu soberano. Sua tarefa se limita estritamente a anunciar o conteúdo de sui mensagem e declarar a resposta necessária da parte de seus ouvhtes. Em vez de apresentar uma ladainha de

argumentos persuasvos, um arauto tem de declarar a mensagem que lhe foi dada e reportar-se de volta àquele que o comissionou.

Com isso em mente. Paulo achou necessário corrigir a opinião defeituosa dos coríncios a espeito de um pregador. Se ele não reparasse aquele entendimento errado, a vida cristã deles permaneceria carnal e imatura. Além disso, a igreja deles ficaria estagnada.

Como um arauto, Paulo sabia que tinha dc entregar a mensagem que Deus lhe dera c deixar os resultados com o Senhor. Não importava se Paulo era mau compreendido por alguns ou desprezado por outros. Ele tinha de aceitar seu papel como arauto e cumprir seu dever sagrado. Ele não teria de prestar contas aos corintios. Antes, deveria prestar contas a Deus mesmo.

Esta c a responsabilidade estrita que todo pregador tem para com Deus. 'lodo arauto que sobe a um púlpito c dirctamentc responsável àquele que o comissionou ao dever de pregar. Se vocé agrada a Deus, não importa a quem desagrada. E, se vocé desagrada a Deus, não importa a quem agrada.

À Divisão da Cru/

Em I Corintios 1.18, Paulo disse: "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus". Com isto, ?aulo queria dizer que a cruz divide toda a humanidade em apenas dois grupos. Para o incrédulo, a cruz c loucura. Mas, para o crcntc, a cruz c o poder dc Deus. A cruz separa as pessoas do mundo nessas duas categorias.

Louciua faia o *mundo*

Paulo disse que o evangelho é "loucura" para os não salvos. Esta é uma palavra (no grega meros) que se refere a alguém que não possui a habilidade intelectual de processar informação e extrair conclusões corretas. Paulo afirma que, para a mente não convertida, a verdade a respeito de Cristo crucificado é insensata, irracional e ilógica. A proclamação da morte de Cristo é considerada como loucura idiota, estúpida e até insana.

A respeito desta loucura. Paulo disse: "O homem natural não aceita as coisas

do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendè-Ias, porque elas se discernem espiritualmente" (I Co 2.14). Isto significa que a pregação da cruz permanece ininteligível para o homem natural, que experimentou apenas o nascimento natural e não o nascimento espiritual.

A pregação da cruz é sempre loucura para o mundo não salva Apesar disso, muitos pregadores não querem que a sua mensagem seja insensatez para os não convertidos. Andando aceitação, eles se voltam à “ostentação de linguagem", a fim de ganharem popularidade. Adotam a sabedoria do mundo para ganharem audiência. Infelizmente, eles não podem aceitar o fato de que a cruz é pura tolice para o mundo.

Por contraste, “para nós. que somos salvos", a cruz é o “poder de Deus" (l Co 1.18). Aqueles cujos olhos foram abertos pela graça veem a cruz de uma maneira totalmente diferente. Não estando

mais nas trevas, eles veem a cruz como ela realmente é - o meio de salvação da ira divina.

Escândalo paia os judeus

Paulo disse: "Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios" (1 Co 1.23). Os religiosos judeus dos dias de Jesus queriam um salvador poderoso que os libertaria da opressão das nações estrangeiras. Eles anehvam por alguém que os resgataria da tirania do Império Romano. Não tinham nenhum interesse em um Messias crucificado.

Para os judeus, a mensagem de um Messias assassinado era um escândalo tremendo. Nos tempos romanos, a crucificação era uma punição reservada aos piores criminosos. A morte por crucificação era tão temida que nenhum cidadão romano podia ser pregado numa cruz. Esse tipo de morte horrível era reservado para inimigos notórios do império - terroristas, assassinos eanarquistas.

Quando os judeus eram informados de que seu tão aguardado Messias havia sido morto numa cruz, isso era uma pedra de tropeço - um escândalo - para eles. Era uma detestável mensagem de derrota e não de vitória, que os levava a cair ainda mais em incredulidade.

No entanto. Paulo não mudou a sua mensagem ca cruz. A rejeição de Israel para com Cnsto não fez o apóstolo a adotar uma maneira diferente de lidar com a pregação. Embora Cristo crucificado fosse um escândalo para os judeus. Paulo pregou com fidelidade, até mesmo por obrigação.

r

Não há pregação do evangelho sem a pregação de Cristo crucificado. A proclamação da cruz sempre será um escândalo para aqueles que são religiosos mas perdidos. Para eles, a cruz é loucura.

Sermões Cheios Ha Cru/

O culto de inauguração do *Metropolitan Taberimclc* em Londres. em 1861, foi um momento importante na história da igreja. Mesta ocasião monumental, Charles Haddon Spurgeon, com apenas 26 anos, subiu ao púlpito para pregar seu primeiro sermão naquele prédio. Spurgeon falou sobre aquilo que era o maior tema de todo o seu

ministério de pregação - Jesus Cristo.

O assunto *principal do ministério*

Quando Spurgeon anunciou o seu texto, ele falou: “Todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5.42). Com isto, Spurgeon declarou o que ele acreditava devia ser o foco central de seu ministério naqjela casa de adoração recém-construída. Cristo tinha de ser sempreo âmago de qualquer proclamação. Não importando o texto, Spurjeon era persistentemente fixo em Jesus Cristo.

Neste sermão inaugural, Spurgeon declarou palavras que devem ser verdadeiras no coração de todo pregador. Ele alinrou:

F« proponho que o assunto do ministério nesta casa, enquanto este púlpito existir e esta casa for freqüentada por adoradores, seja a pessoa de Jesus Cristo... Se me pedissem que dissesse qual é o meu credo, acho que teria de responder: c Jesus Cristo.. O corpo dc teologia ao qual eu me prenderei e me

apegarei para sempre, se Deus me ajudar, c... Cristo Jesus, que é a totalidade c a essência do evangelho: qur é, em si mesmo, toda a teologia, a encamaçio de cada verdade preciosa, a encarnação pessoal e totalmente gloriosa du caminho, da verdade e da vida.*

Com esta afirmação, Spurgeon declarou que toca verdadeira pregação deve ter, como seu ímpeto central, a pessoa c a obra do Senhor Jesus Cristo. Em outra ocasião, Spurgeon disse: “Este c o resumo; meus irmãos, preguem CRISTO, sempre e c;da vez mais. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, seus ofícios, sua obra tém de ser nosso único grande tema. que abrange tudo”. Par; o pregador. Cristo c *ludo.*

Pregar a grandeza de Cristo

Este foco centrado em Cristo é o padrão que todo pregador deve adotar, em coda geração, em todo lugar. Cristo de*e ser magni-

<i C H. Spurgeon, *1b*< AfctnywAtM *TÀ*/nxUPtdylt.* VW W. lôy.

7 C H Spurgeon,Latwra(0MpSmdoilt(Pando»,TX PilgrimPubl«atvm, I9~),$2.

ficado em todo sermão. Devemos vibrar com o privilégio de exaltar o nome de Cristo.

Grandes pregadores *sempre* pregam um grande Cristo. Embora sejam fracos, devem ser bem sucedidos em proclamar a inigualável grandeza do Senhor Jesus. Apesar da cultura em que servem ou das expectativas de seus ouvintes, os pregadores fieis sào comprometidos em exaltar a indisputável supremacia de Jesus Cristo, em sua morte salvadora.

Nesta hora presente, que os pregadores sejam firmemente arraigados em Cristo e ele crucificado. Que os pregadores declarem a pessoa incomparável e a obra consumada do Senhor Jesus. Que os púlpitos sejam identificados, singularmentc, como meios que exaltam as glórias da soberana majestade de Cristo.

Capítulo 4

[1]

Miitliiíxi Lutou, ataduem Roy P. ***7ock, The*** Sjnulíi » ***H****ímt* (Gratul Rapld»: Krcgd Aci&mic 1977), 308.

FORÇA NA FRAQUEZA

O Poder do Espírito na Pregação

E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A *minha palavra c a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoriamas em demonstração do Espírito e de podei) para que a vossa fé não se apoiasse cm sabedoria humana, e sim no poder de Deus* (J *Conntios 2.3-$).*

O tipo de pregação que Deus abençoa é inerentemente paradoxal. Isto que dizer: a exposição bíblica demonstra uma aparente contradição. Naquele que prega, há dois polos opostos - força e fraqueza. Esta oposição sc acha nisto: a força dc Deus sc aperfeiçoa na fraqueza do homem. O tipo de pregação que o céu abençoa envolve um mensageiro frágil sendo enchido do poder divino. O pregador que reconhece sua própria fraqueza confia na graça de Deus. É este mensageiro revestido do poder do alto que declara a Palavra de Deus.

Este é o plano divino, sempre. Deus se deleita em usar um mensageiro fraco para anunciar sua mensagem ‘louca”. Aquele que sc humilha diante dc Deus será exaltado cm entregar as boas novas de Jesus Cristo. Aquele que se esvazia de si mesmo será cheio do Espírito. Aquele que se prostra diante de Deus será levantado por ele. Em sua própria fragilidade, a fraqueza do pregador é tornada forte.

1)escendo à Grandeza

Quanto a essa fraqueza, conta-se a história de um jovem seminarista graduando que estava ansioso por sair e pregar seu primeiro sermão em seu novo pastorado. Depois de várias semanas de estudo teológico intenso, ele estava pronto para descarregar seu vasto aprendizado naquela congregação crédula. Quando ocupou o púlpito, ele o fez com admirável medida de

segurança pessoal. Estando de pc diante das pessoas, empurrou seu peito para frente, sua cabeça estava ereta, e seu rosto, brilhante.

No entanto, quando este jovem teólogo apresentou seu sermão, começou inesperadamente a falhar. Sua língua ficou pesada. Tropeçou em suas palavras. Perdeu o lugar de seguir em saas anotações. Sua concentração foi interrompida. Sua pregação

cefinhou. Pelo que tudo indica, o sermão foi um fracasso completo.

l.ogo depois de terminada esta experiência excrucúnte, este jovem pastor devastado desceu do púlpito. Sua cabeça estava inclinada, seus ombros, caídos, seus joelhos, fracos. Nunca ele se sentiu tão humilhado por esta experiência embaraçosa e trituradora de orgulho.

Quando ele saiu do santuário, um diácono idoso se aproximou, colocou os braços em seus ombros e disse: “Pastor, se você

tivesse subido ao púlpito da maieira como desceu, teria descido da maneira como subiu”.

Dependência de Deus no púlpito

Sempre que um pregador sobe ao púlpito confiando cm sua própria força, ele ccrtamcntc fafiará c fracassará. No que concerne à incapacidade do homem, Jesus disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). O pregador não é urr a exceção. Quando ele confia em si mesmo, não fará nada de imporància eterna.

Aquele que ministra com dependência de si mesmo certamen-tc será ineficaz. Numa discussão sobre liderança espiritual, Pedro disse: ‘Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1 Pe 5-5). O pregador que se mostra autossuficiente será humilhado por Deus. De uma maneira ou de outra, ele será humilhado. No que diz respeito ao púlpito, lem de haver uma total dependência de Deus para operar por meio do mensageiro e da mensagem.

Quando está vestido de humildade, o pregador c dotado de poder do alto.

Apesar de qualquer fraqueza pessoal que ele possa ter, o Espirito o capacitará a permanecer forte em proclamar as Escrituras. Esta é a humildade com a qual todo ministro precisa se aproximar do púlpito. Aqueles que reconhecem sua fraqueza são tomados fortes. Aqueles que reconhecem sua inadequação são tomados adequados. Aqueles que compiccndcm sua incapacidade recebem ajuda divina. Este c o desígnio joberano c a genialidade infinita de

Deus. Homens finitos têm de pregar no poder que somente um Deus infinito pode prover. Este é o paradoxo da pregação.

Uni pregador fraco em Corinto

Foi com essa humildade que Paulo chegou à cidade de Coiinto. O apóstolo sentia o fardo intenso da responsabilidade que acompanhava a sua missão dada por Deus. F.m vez de ser autossuficiente, ele entiou naquela cidade imponente com muito temor e tremor. Sentindo sua responsabilidade para com Deus, Paulo reconheceu a enormidade da tarefa e se sentiu abalado no próprio âmago do seu ser.

Em meio a esta fraqueza pessoal, Paulo confiou no peder divino que lhe foi dado. Quanto mais fraco se sentiu, tanto mai> forte se tomou. Quanto mais vazio ficou de si mesmo, tanto mais cheio ele foi de poder. Embora Paulo tenha chegado a Corinto em muita Taqucza, ele pregou "em demonstração do Espírito e de poder” (1 Co2.4).

Este paradoxo tem de ser experimento por todo pregidor. Nenhum homem é fraco demais para que Deus use, e sim forte demais. Quanto mais alguém reconhece a sua própria fraqueza, tanto mais ele dependerá de Deus para obter forças. Por seu desígnio soberano. Deus escolhe usar vasos fracos que ele toma forte.

Você já chegou a compreender isto? Reconhece a sua própria fraqueza? Já chegou a ver a sua própria inconveniência no ministério? Você é cheio de profunda preocupação com o avanço do evangelho, ao ponto de ser tomado de grande temor e tremor? Espero que sim.

Deus dá poder àqueles que confiam totalmente nele. Somente aqueles que sentem sua fraqueza procuram-no em busca de forças. Que você reconheça

suas inadequações e confie na suficiente graça de Deus toda vez que subir ao púlpito.

Em Muita Fraqueza Humana

Com certeza, Paulo sentiu sua própria falta de poder. O apóstolo lembrou às pessoas que, ao chegar a Corinto para pregar o evangelho, "foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós" (I Co 2.3). Com isto, Paulo reconheceu que se mantinha em contraste notório com os oradores gregos de seus dias. Ele era o polo oposto destes comunicadores altamente dotados. Estes palestrantes eloqüentes não ficavam diante de sua audiência em uma atitude de fraqueza. Esses retóricos famosos não exibiam qualquer fragilidade humana ou falta de autoconfiança. Em vez disso, eles encantavam seus ouvintes com seu agradável estilo de discurso.

Fisicamente débil, emocionalmente fraco

No entanto, Paulo assumiu uma postura totalmcntc diferente. O apóstolo confessou que esteve entre os corintios "em fraqueza, temor e grande tremor" (I Co 2.3). A mensagem pareceu fraca para eles, bem como o mensageiro. Paulo sentiu um forte senso de incapacidade quando pregou o evangelho naquela cidade pagã. Conhe-

K

cendo muito bem a degeneração moral da cidade de Corinto, Paulo entendeu a enormidade do desafio que tinha diante de si. Sentiu-se, sem dúvida, desconcertado.

Como poderia o evangelho penetrar nesta fortaleza secular? Paulo adotaria o estilo de seus pares gregos? Ao contrário, o apóstolo chegou a Corinto sem nenhuma exibição ostentosa. Nemum truque evangélico. Nenhum método manipulador. Ele esteve ali numa atitude oposta - fraqueza, temor e tremor.

Quando Paulo esteve em Corinto, ainda sofria por causa das pressões que havia enfrentado em outros lugares. Fora açatado severamente em Filipos (At 16.19-40), expulso da cidade em Tessa-lónica e Bereia (At 17.13-14), zombado e ridicularizado em Atenas (At 1732-33). Km resumo, ele estava

fisicamente fraco e emocionalmente exaundo.

Mas nenhum pregador é mais forte do que quando é fraco. Somente nesta condição o pregador confia realmente no poder do Espírito. Neste debilitante estado de fraqueza. Paulo seria capacitado e energizado sobrenaturalmente pelo Espirito Santo. O apóstolo confessaria depois: “De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor dí Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12.910). Isto é força na fraqueza.

lema a Deus, não o homem

Quando Paulo disse que fora a Corinto 'em fraqueza, temor e grande tremor", não quis dizer que estava receoso de falar cm público. Tambcm não sugeriu que estava com medo de ser morto, nem como medo de ser considerado intelectualmente inferior aos oradores gregos. O apóstolo nào estava apreensivo quanto à rejeição pessoal.

Ao contrario disso, a baixa estima de Paulo foi resultado da seriedade de sua missão. Ele se sentiu humilhado pela magnitude da tarefa que tinha diante de si. Alcançar aquela grande cidade com o evangelho estava muito acima dele. Paulo entendeu que as almas dos homens estavam numa situação de perigo. Esta realidade o manteve em prudência enquanto pregava a indivíduos que pereciam. em profunda necessidade de salvação.

Antecipando n dia final

Foi este foi temor cativante da alma que Paulo sentiu quando pregou em Corinto. O apóstolo entendia que se aproximava o dia em que prestaria contas a Deus por seu ministério. A Escritura dá esta advertência a todo ministro: "Meus irmãos, não vos tomeis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior)ui-zo" (Tg 3.1). Isto ressalta a seriedade da responsabilidade do pregador diante de Deus.

Em I Coríntios, Paulo adverte:

Manifesta se tomará a obra de cada um; poiso Dia a demonstrará, porque está

sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edibeou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que atrases do fogo (3.13-15).

Como um fogo purificador, o julgamento final de Deus provará a qualidade do ministério e da mensagem de cada homem. Tendo o conhecimento deste exame final, Paulo pregou com fidelidade.

Em 2 Corintios, Paulo reforçou esta verdade: "Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (2 Co 5.10). A realidade de uma avaliação final e futura manteve Paulo em muito temor e tremor. Esta compreensão manteve um saudável temor de Deus na alma do apóstolo.

Numa recente conferência de pastores, contaram-me que um homem foi procurado por outro pastor que lhe disse havia achado o sucesso da liderança espiritual. "Este sucesso se resume em gabar--sc". disse o pastor. "Quando você entra numa sala, tem de gabar-se de si mesmo".

Por este padrão, o apóstolo Paulo foi um fracasso total. Quando ele esteve em Corinto, não houve nenhuma ostentação em sua

chegada - apenas tremor. O apóstolo não se gabou diante dos corin-tios; em vez disso, ele chegou ali com um cremor santo.

Esse temor de Deus está ausente em muitos púlpitos de nossos dias.

Sem discurso manipulador

Depois, Paulo prosseguiu em seu argumento. Ele explicou: 'A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva" (l Co 2.4). Com isto, o apóstolo deixou claro o que mio era o conteúdo de sua doutrina ("minha palavra") e a maneira dc apresentá-la ("minha pregação"). Esta natureza dupla da pregação sc refere à sua essência c ao seu estilo. Por meio desta negativa fortíssima, Paulo estava lembrando aos corintios que mio fora até eles como o faziam os oradores gregos. Ou seja, ele não esteve ali com uma mensagem mundana, nem com uma maneira carnal.

A pregação dc Paulo cm Corinto não produziu aplausos. Seus sermões não eram cheios dc gracejos espertos c dc temas provocantes destinados a cativar sua audiência. Paulo não bajulou os seus ouvintes com falsa lisonja, nem coçou os ouvidos deles a fim de ganhá-los para si mesmo. Ele não os satisfez, nem apelou aos seus desejos carnais. Não houve encenações intencionais, nem técnicas sutis. Paulo não apelou ao cmocionalismo ou ao humor vulgar. .Vúo foi assim que Paulo ministrou cm Corinto.

Devemos, então, perguntar: *como* Paulo ministrou em Corin* to? A resposta se acha na segunda metade do versículo 4.

Em Demonstração de Poder

Diferentemente dos oradores gregos, a pregação do apóstolo foi "em demonstração do Espirito e de poder* (I Co 2.4). Em outras palavras, Paulo ministrou na cidade de Corinto com total dependência de Deus. Ma fraqueza pessoal do apóstolo, o poder de Deus operou poderosamente. Em seu desamparo. Paulo foi energizado sobrenaturalmente pelo Espírito Santo para pregar a Jesus Cnsto e ele crucificado.

Evidência do poder do Espirito

A proclamação de Paulo sobre a cruz foi "em demonstração do Espirito" Esta palavra ‘demonstração" transmite a ideia de apresentar evidência irrefutável em um tribunal.

Era um termo técnico, usado em retórica, para se referir a uma prova dada em um discurso convincente. Mas a prova convincente que a pregação de Paulo mostrava não ora o que os corintios desejavam. Eles queriam uma exibição de habilidades de oratória. Em vez disso, Paulo ofereceu uma demonstração do poder do Espirito.

Qual é a natureza exata desta "demonstração" do poder do Espirito? Alguns argumentam que isso se refere a sinais e maravilhas

realizadas durante o ministério de pregação de Paulo. Mas este não pode ser o significado tencionado por Paulo. Ele havia argumentado antes *contra* o fato de que os judeus buscavam sinais (I Co 1.22). Seria incoerente Paulo apelar

ao que ele acabara de reprovar. Os ouvintes dc Paulo desejavam uma demonstração externa de poder. Mas Paulo pregou com uma manifestação do verdadeiro poder dc Deus - o poder do evangelho em Cristo crucificado.

De fato, esta “demonstração" foi vista na própria vida dos corintios. Este poder foi evidenciado em sua conversão a Cristo. O fato de que eles foram convencidos de pecado e se converterem a Cristo crucificado foi a prova inegável do poder de D<us na pregação dc Paulo. Eles poderiam ver daramente a força irresistível do Espírito no ministério e na mensagem de Paulo. Precisavam apenas olhar para sua própria vida; a evidência do poder do Espírito estava patente ucics mesmos.

A promessa de poder

Este poder espiritual foi prometido por Jesus Cristo. Ma Cirande Comissão, o Senhor disse: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois. na cidade, até que do alto sejiis revestidos de poder' (Lc 24.49). Este mesmo poder estava com Paulo, capacitando-o a pregar o evangelho com o efeito de transformar vidas.

Depois, Jesus afirmou: ‘Rcccbcrcis poder, ao dcs:cr sobre vós o Espírito Santo, c sereis minhas testemunhas’' (At 1.8). Por meio

deste poder divino, o apóstolo foi fortalecido para dar testemunho convincente da morte

vicária de Cristo.

Este poder soberano foi o que Paulo experimentara antes quando pregou em Tessalònica. O apóstolo afirmou: “O nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas. sobretudo, cm poder, no Espírito Santo c cm plena convicção” (I Ts 1.5). Isto quer dizer que sua pregação foi acompanhada por um profundo poder dentro dele - a certeza interior da verdade na própria mente e coração, a certeza que segura firmemente a alma. Em termos específicos. o Espirito lhe dera grande segurança da necessidade que as pessoas tinham em relação a Cristo e uma confiança inquestionável no p>oder de Cristo para salvá-las.

Paulo afirmou este mesmo poder na pregação quando escreveu à igreja cm Colossos:

“O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso ■ que eu também me afadigo. esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Cl 1.28-29). Quando Paulo anunciava a Cristo, o Espírito o capacitava p>oderosamente.

Martyn l.loyd-Joncs falou sobre a necessidade absoluü do poder do Espírito na pregação. Ele explicou: “Se não houver poder, não haverá pregação. Afinal de contas, a verdadeira pregação consiste na atuação de Deus. Mão se trata apenas de um homem proferindo palavras; é Deus quem o está usando. O pregador está sendo isado por

M

Deus. Está debaixo da inlluéncia do Espírito Santo".[1] Em palavras simples, toda pregação verdadeira é energizada pelo poder do Espirito.

Quando o pregador experimenta este poder. Lloyd-Jones afirmou. isso é uma ação de Deus que "outorga poder e capacidade ao pregador, mediante o Espirito, a fim de que o pregador realize sua tarefa, de modo que seu desempenho seja elevado, acima c alem dos esforços e empreendimentos humanos, chegando a uma posição em que ele está sendo usado nas mãos do Espírito e se toma o canal por intermédio do qual o Espírito opera'.' Em outras palavras, a pregação autêntica envolve a ação de Deus em seus mensageiros, dando verdadeiro poder na proclamação.

No que concerne a este poder divino, Lloyd-Jones disse que o Espírito ‘dá clareza de

pensamento, clareza de expressão, facilidade de expressão, um profundo senso de autoridade e confiança na pregação, além da certeza de um poder não de você mesmo, um poder que se manifesta por todo o nosso ser e um senso indescritível de alegria. Tomamo-nos homens possessos’. dominados, controlados? A pregação dominada pelo Espírito é uma experiência poderosa.

Além disso, Uoydjones afirmou: "Quando isto acontece, sentimos que não estamos realmente pregando, mas estamos contemplando a cena. É como se estivéssemos contemplando a nós mesmos, admirados, enquanto isto está acontecendo. Não é nosso

1 2 3

próprio es- 1 2 3

força; somos um mero instrumento, um canal, um veículo. C Espirito nos usa. e contemplamos tudo com grande júbilo e admiração".'

Paixão no púlpito

Outra manifestação deste poder na pregação é uma paixão pela verdade, uma paixão dada por Deus. Quando Pau o anunciou a Palavra (1 Co 2.1), havia em seu íntimo um fervor dado por Deus, enquanto ele pregava. Quando Paulo era cheio do Espírito, ele anunciava a mensagem com esta paixão profunda. Sentia dentro de si a verdade de sua mensagem. Com um fogo em seus ossos, a energia divina pulsava através de seu coração, enquanto elepregava.

Onde não há nenhuma paixão, não há pregação *real.* Spurgeon gracejou dizendo que alguns ministros "fariam bons mártires - ou seja, estão em necessidade de pegar fogo". A respeito de um pregador, ele disse sarcasticamente: "Mão há dúvida de que ele ardia muito bem, porque era muito seco? A tragédia é que muitos pastores não se mostram entusiasmados quando proclamam a Palavra. Quando há falta de zelo na pregação, é porque há uma ausência de poder.

John Murray, que ensinou no Westminster Seminary, asseverou enfaticamente: "Pregar sem paixão não é piegar, de modo algum".' Em outras palavras, sempre que o Espirito San-« Lloyd-Jonet, ***Pngwo & Picgadercs,*** 301.

5 C. H Spurçoin, *leüitiu te My Stad/nlt, Sta-uà SnUi* (LuiuLin: fcaamxr ani Abbattcr, 1881)91.

6 John Murray, *CciUOiJ Wrilinp ej/ctui* Afana» VeJ *3* tFJmhuryh: Rinn»r«f

T-ulh, 19».). 72.

to dá poder ao pregador, há no coração do pregador um zelo outorgado por Deus que governa a sua entrega da mensagem. Com certeza, o Espírito nunca torna os mensageiros de Deus áridos e monótonos.

A respeito deste fogo interior, R. C. Sproul diz: “A pregação sem paixão c uma mentira”. Isto significa que um discurso insípido procedente de um púlpito é uma contradição de termos. Não importando o que isso seja, não é pregação, definitivamente.

Sproul argumenta que, onde não há paixão pela verdade, não há pregação autêntica -somente retórica insípida. Mas, onde o Espírito de Deus está agindo com poder, ali há, como resultado, a verdadeira pregação.

Essa paixão na pregação é desesperadamente necessária em nossos dias. Antes de haver fogo nos bancos, precisa haver fogo no púlpito.

Poder que *dá urgência*

Este poder inerente na pregação também aumenta no ministro um senso de urgência. Quando o Espirito dá poder ao ministro, não há pregação casual no púlpito. O pregador cheio do Espirito não é indiferente para com a verdade. Também não há nele uma indiferença fria.

? R. C Spioul. *Vu Prcúdur* aurf P,<—ed S*mucl T. Login, *Jt.* (Ptulll(Jnir< NJ: I> & R Publithinç. 1986), IIJ.

UI

Em vez disso, o Espirito gera uma paixão dominante que alcança pessoas com o evangelho. O Espírito faz o pregador queimar com intensidade enquanto proclama a Cristo.

O notável puritano Richard Baxter escreveu um livro bem conhecido intitulado *O Pastor Aprovado.* Nesta obra, Baxter fez recomendações a respeito de um ministro reformado que se conforma com a Escritura. A pregação biblica, Baxter contendeu, deve ser acompanhada de um senso de

urgência exploiiva. Ele escreveu:

O quê! Falar com frieza cm favor de Deus, visando à salvação de homens? Podemos

crcr que nosso povo tem de ser convertido ou condenado c, apesar disso, falarmos num tom sonolento? Em nome de Deus, irmãos, labutem para despertar seu próprio coração, antes de subirem ao púlpito, pira que sejam capazes de despertar o coração dos pecadores. Lembrem que eles têm de ser despertados ou condenacos e que um pregador sonolento dificilmente despertará pecadores sonolentos- Embora vocês deem às coisas de Deus os louvores mais elevados, se o fizerem com frieza, parecerão tar contradizendo, por sua maneira de pregar, o que dissenm sobre o assunto.*

S Rxhjrd lóittr *O **R**ate/Ái<iei\idc* (Sao Paula. SP: Editora PES. I9SV

Depois, Baxter foi muito correto quando disse que, na pregação, "falar sem afeição e fervor de coisas elevadas, especialmente de coisas tão elevadas, é um tipo de desprezo dessas coisas".* Em outras palavras, a pregação destituída de urgência não tem o poder do Espirito. Não c verdadeira pregação.

Onde quer que o Espírito opere, ali há um fervor por Cristo e uma urgência de que os ouvintes têm de segui-lo. Na pregação energi-zada pelo Espírito, há um fogo ardendo no íntimo do pregador.

Dependendo do Espírito

Por que Deus escolheu agir por meio da fraqueza de mensageiros finitos' Paulo disse: "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no poder de Deus" (1 Co 2.5). Paulo pregou no poder do Espirito para que os coríntios cressem em Deus e não nele. Fm vez dc persuadi-los por meio de sua esperteza, o apóstolo os advertiu a responderem à verdade apresentada com clareza.

Se Paulo tivesse confiado em ostentação de linguagem e sabedoria mundana, seus ouvintes teriam, na realidade, colocado a sua fé nele. O resultado da

pregação norteada em personalidade seria falsos convertidos que colocariam sua confiança em um homem. Essa pregação teria produzido discípulos espúrios que professavam a Cristo, mas não o conheciam.

Por oulro lado. proclamar a Cristo no poder do Espirito produz um resultado totalmente diferente. Onde a cruz é pro:lamada, a fé das pessoas descansa exclusivamente "no poder de Deus*. Este c o poder do Espírito na pregação. Somente assim os ouvintes

crerão no Senhor Jesus.

Se os esforços de algum ministro devem ser bem sveedidos, o Senhor diz que tais esforços precisam ser 'não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito" (Zc 4.6). Se almas têm de ser salvas, a habilidade do pregador é insuficiente. Somente o poder ativo do Espirito Santo pode capacitar a pregação do evangelho para que tenha poder de conversão.

Uma dependência do Espirito é uma necessidade absoluta de todo pastor, fina completa fraqueza do pastor que o Espirito o toma forte. No púlpito, o pastor tem de se prostrar diante do Altíssimo para que ele o levante. Quando o pastor morre para o "eu", o Espinto dá poder. Este é o paradoxo da pregação.

() Monopólio tio Espírito

No século XIX, um grupo de pastores organizou uma campanha evangelística para alcançar uma cidade. Quando discutiam quem eles convidariam para pregar, o nome do famosos evangelista D. L. Moody foi apresentado. Relutante quanto à indicaçãode Moo-dy para pregar, um pastor protestou: "Por que Moody? Ele tem o monopólio do Espírito Santo?"

A pergunta foi seguida por um longo silêncio. Por fim, outro pastor falou, dizendo: "Moody, Moody, Moody... ele tem monopólio do Espirito Santo?' Outro pastor respondeu: "Não. Mas parece que o Espírito Santo tem o monopólio de Moody".[10]

Nenhum argumento melhor poderia ser apresentado cm favor de qualquer pregador.

Deus opera por meio dos seus servos que o Espírito Santo está capacitando poderosamente. Apesar do currículo ministerial e das credenciais de ministério do pregador, o Espírito Santo é aquele que, em última análise, faz a diferença no ministério de qualquer pregador.

No que diz respeito à pregação, o Espírito Santo tem monopólio de você?

Você sabe o que é pregar em demonstração do poder do Espirito? Sabe o que é estarem muito tremor, fraqueza e temor? Sabe o que é invocar a Deus. rogar que seu Espirito o

acompanhe ao púlpito? Vocc tem testemunhado a plenitude do poder do Espírito cm sua mente, coração e disposição, enquanto ministra a Palavra?

Enquanto você prega o evangelho, tem de ser capacitado pelo Espírito de Deus. Sua vida tem de ser dominada pela força divina que vem do alto. Você deve ser alguém que sabe o que é pregar no poder do Espírito Santo. Somente então você saberá o que é pregar *verdadeiramente.*

10 Adrlin Roger». Thí R><«rc/Hl> FVrutict (Whíono, 11 Cnwmay, 1995), *it.*

Capítulo 5 1

D Mirtyn lAjyd-Jone*. P«««V(jc & Fttpnftuo (Slojoif 4* Gunpoi SP: Rei. M

2

tloyd-Jonu. ***PupuJo & Pl/fadmn,*** 2H4.

3

Moyl-Jonei, *Pnpnão* <■ PlígMdwei. 300-301.

UMA SABEDORIA SOBERANA

.A *Predestinação do Pai na Pregação*

Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; mio, *porém, a*

sabedoria deste século, item a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas /alamos a sabedoria de Ikus em mistério, outrora oculta, a qiuil Deus preordeenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu, porque, se a tivessem conhecido, /amais teriam crucificado o Senhor daglóna; mas, como está esento. Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem /amais penetrou em corv(,}o humano *o que Deus tem preparado pira aqueles que o amam (I Corintios 2.6-9).*

Na pregação, há uma verdade fundamental que tem de envolver toda mensagem Deus é soberano sobre todas as coisas. Em coda exposição que o Espirito capacita com poder, Deus cem de ser proclamado como o Governante Supremo sobre todas as áreas da história da humanidade. Ele tem dc ser declarado como quem preside todos os eventos c circunstâncias neste mundo. Além disso, a Escritura proclama que Deus dirige cada vida humana, determinando cada destino eterno. Consequentemente, a

soberania de Deus tem de ser uma nota dominante na pregação que lida fielmente com as Escrituras.

Não há nenhuma outra área em que esse tipo de pregação é tão essencial quanto nas questões pertinentes à salvação. Antes dc o homem cair no pecado. Deus já havia preordenado 1 maneira pela qual restauraria o relacionamento quebrado entre eles. Antes de o pecado corromper toda a raça humana. Deus já havia predestinado o plano de salvação. Antes de o mundo se tornar contaminado pela depravaçáo do homem, Deus já havia predeterminado a redenção pela qual restauraria pecadores arruinados para si mesmo. E, o mais importante. Deus já havia escolhido os eleitos sobre os quais derramaria espontaneamente a saa graça imerecida.

Por graça soberana, Deus é o iniciador, nunca o rtsponde-dor. Deus é o buscador, nunca aquele que é buscado. Deus é o Salvador, o homem é o resgatado. Deus é o provedor, o homem é o devedor. Deus é o sujeito e o verbo ativo, o homem é o objeto que recebe a ação.

Do início ao fim, cada aspecto da salvação do homim c planejado por Deus e determinado por esta predeterminaçáo; toda a glória pertence somente a Deus. Isto é verdadeira sabedoria que Deus é totalmente soberano na

salvação. Ele é o Senhor sebre cada detalhe de cada circunstância que realiza esta salvação pro»idencia-da por Deus.

Ioda a Glória a Deus

Anos atrás, o famoso expositor bíblico Dr. Harry Ironside falou sobre um homem que estava dando seu testemunho diante de um grupo, explicando como viera à fé em Cristo. Esse homem deu testemunho de como Deus o buscou enquanto ele vivia no pecado. Contou como Deus o amou quando ele ainda ora inimigo da cru/.. Explicou como Deus o chamou das trevas espirituais para escapar da ira divina.

Deus o libertara de uma vida de libertinagem ímpia. A graça o havia purificado gratuita e plenamente das corrupções do pecado. Esse testemunho foi excepcionalmente poderoso porque atribuiu toda a glória a Deus.

Depois da reunião, um ouvinte chamou o homem à parte e disse: "Aprecio tudo que vocc tinha a dizer sobre o que Deus fez por vocè. Mas você não fez nenhuma menção a respeito de sua parte. Afinal de contas, a salvação é realmente uma parte nossa e uma parte de Deus. Vocè deveria ter mencionado algo sobre o que vocè fez" "Você está certo", respondeu o homem recém-convertido. "eu deveria ter mencionado a minha parte. Minha parte foi fugir de Deus tanto quanto pude. E a parte dele foi me procurar até me encontrar"

Deus, o buscador de almas

A história de Ironside ilustra o fato de que, muito antes de o homem cair no pecado. Deus)á havia predestinado a sua busca de

pecadores individuais. Antes da fundação do mundo, Deus elaborou o seu plano de salvação, pelo qual resgataria os seus eleitos. Antes de o tempo começar, ele resolveu que seu Filho viria ao mundo para salvar estes eleitos que são incapazes de salvar a si mesmos. E os púlpitos, em todos os lugares do mundo, devem ser fiéis em proclamar esta verdade fundamental.

No entanto, o homem entregue ao seu próprio pensamento está

constantemente procurando receber o crédito - pelo menos, em parte por aquilo que Deus realizou sozinho na salvação. O homem bajula a si mesmo em supor que. por sua própria in ciativa e escolha, escolhe buscar a Deus. Ele imagina inutilmente cue a sua busca por salvação não é Deus buscando-o primeiro. Mas. na verdade, é somente Deus que busca e salva.

Soberania divina na salvação

O tipo de pregação que Deus abençoa é aquela que proclama a soberania de Deus na salvação. Alguns pregadores apresentam ingenuamente a noção de que o homem controla a sua própria vida e determina seu próprio destino. Outros supõem que Satanás e os demônios governam este mundo. Mas esse tipo de pregação vira a teologia de cabeça para baixo e rouba de Deus a sua glória.

Esse tipo de proclamação centrada no homem obscurece o fato de que Deus reina sozinho em graça. Como dizem as Escrituras: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A

ele, pois, a glória eternamente. Amém" (Rm 11.36). Eitas três preposições, 'de", 'por meio de’ e 'para" indicam que 'todas as coisas" incluem cada aspecto da salvação. Deus é a Fonte, o fCeio e o Alvo de todas as coisas. Sendo assim, todo púlpito deve proclamar esta realidade centrada em Deus.

A narrativa do evangelho da graça soberana não é uma solução recente para o problema do pecado. A morte de Cristo não foi uma reflexão divina tardia. O Calvário não foi uma reação automática para solucionar um problema imprevisto. E a crucricaçào não é uma alteração moderna no plano original de Deus.

O *plano predeterminado de Deus*

Ao contrário, os atos poderosos de Deus na sa vaçáo segue um *script* antigo que Deus decretou antes que o murdo existisse. Seus propósitos salvadores realizam o seu plano predeterminado que foi elaborado muitas eras atrás. Suas obras resgatadoras se originaram na eternidade passada. A redenção foi concebida soberanamente antes de o tempo existir. O evangelho esta arraigado e fundamentado na predestinação de Deus, aquela verdade

poderosa que garante toda a obra salvadora de Deus.

Esta verdade proeminente deveria ter um efeito monumental na pregação. O púlpito tem sempre permanecido mais forte quando tem exposto, nos termos mais sérios, a graça de Deus na salvação. Sem esta base imutável, os sermões navegam inevitavelmente em

águas rasas. A parte desta doutrina, os pregadores tenden a foca-Iizarse em interesses superficiais e a oferecer soluções temporais.

No entanto, quando a pregação está apoiada no direito supremo de Deus para reinar e governar, os pecadores são convertidos mais saudavelmente. Além disso, sob a influência deste ensino sublime, os crentes amadurecem espiritualmente. Se a vida dc pessoas têm de ser bem firmadas, a verdade da predestinação tem de ser exposta na pregação.

Uma refocayem necessária

Neste capitulo, examinaremos como, muito antes de a raça humana pecar. Deus. o Pai. predeterminou a salvação de pecadores individuais. Paulo já havia deixado claro que Deus chama poderosamente para si mesmo (1 Co 1.9, 26) todos os que ele escolhe salvar (1.27-28). Na eternidade passada, o Pai conheceu de antemão o Filho e resolveu enviá-lo a fim de assegurar a salvação para aqueles que creriam nele (1 Pe 1.20). Por seu propósito soberano, o Pai comissionou o Espírito Santo a dar poder aos seus pregadores para proclamarem a vida impecável e a morte salvadora do Filho. E. por seu supremo poder, o Espirito chama irresistivelmente cada pecador eleito à fé em Cristo.

A pregação que Deus abençoa é a pregação que magnífica os propósitos soberanos e salvadores de todas as três pessoas di Trindade. Deus, o Pai.é Salvador; Deus, o Filho, é Salvador; Deus, o Espirito,

é Salvador. Todos os três membros da Divindade agem com perfeita unidade de propósito em salvar os mesmos pecadores eleitos.

Todo pregador tem de ser comprometido com a pregação deste pleno conselho de Deus. Nenhuma verdade bíblica pode ser excluída. Isto inclui o

ensino de que o Pai predestinou a sua graça soberana para pecadores individuais na eternidade passada. Mas, infelizmente, no desejo de evitar controvérsia, a fim de escaparem de questões difíceis, muitos pregadores evitam proclamar totalmente estas verdades. Como se

desejassem manter o estado normal das coisas, esses homens relutam em falar da graça predeterminada de Deus cm Cristo. Mas o silencio nunca c uma opção na pregação que Deus abençoa. Fazer isso c apresentar incorrctamcntc todo o propósito de Deus. Todas as verdades estabelecidas por Deus e registradas em sua Palavra devem ser aceitas e proclamadas.

Nós Pregamos Sabedoria Eterna

Km 1 Corintios 2.6-9, Paulo trata do assunto da predestinação. O apóstolo já havia dito que Deus chama irresistivelmente para si mesmo todos aqueles que ele escolheu. No capítulo 2, Paulo se focaliza na sabedoria divina pela qual Deus predestinou eternamente a salvação deles em Jesus Cristo. Isto é verdadeira sabedoria, que somente a inteligência de Deus podena formular. Nestes versículos, a palavra-chave c ‘'sabedoria”, que o apóstolo usou *2$* vezes cm

suas epístolas. Mais da metade dessas vezes - um total de 15 vezes aparece nos dois primeiros capítulos de 1 Corintios. Alím disso, o adjetivo “sábio” é usado outras 10 vezes em 1 Corintios 1 a 3. Claramente, Paulo está chamando a nossa atenção para a magnífica inteligência do Deus em seu plano etemo de salvação em Jesus Cristo.

.A *sabedoria da cruz*

Na sua primeira carta aos corintios. Paulo enfatizou repetidas vezes o poder salvador da cruz. No contexto mais amplo. Paulo falou sobre *a cruz de Cristo” (1.17), *a palavra da cruz” (1.18), “Cristo crucificado” (1.23). "Cristo Jesus, o qual se nos tomou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, c santificação, c redenção” (1.30) e “Jesus Cristo e este crucificado” (2.2). Para Paulo, a cruz en a maior demonstração da soberana sabedoria de Deus.

Além disso, o apóstolo Paulo disse que a cruz é fundamental para todo o

ministério cristão (3.1). De modo semelhante, a morte de Cristo é a base para os crentes viverem em pureza moral (5.7; 6.11; 15, 20). fi também o motivo primário no casamento cristão (7.23), na liberdade cristã (8.11) e na adoração (11.23-26). Em todo o viver cristão, a cruz é a mensagem primária que precisa ser abraçada.

Esta sabedoria divina era, sem dúvida, preeminente na pregação de Paulo. O apóstolo

nada tinha a dizer à parte desta sibedoria profunda. O Senhor Jesus tem de ser pregado como o Filho de Deus que salva e santifica todos, tanto para pecadores como para santos.

l lm* ‘ *tvJoria Milvian*

Quando Cristo é proclamado, declaramos tudo que as pessoas precisam ouvir. Em resumo, Cristo crucificado era o epicentro da mensagem evangélica de Paulo.

0 *vazio da sabedoria humana*

Paulo enfatizou a sabedoria divina da cru/, porque os corín-tios retiveram uma obsessão pela sabedoria humana da cultura grega. Antes de sua conversão, a filosofia mundana de Atenas moldava a cosmovisão deles. Quando Paulo esteve em Connto. ele pregou a sabedoria de Cristo. Pelo poder do Espírito Santo, a mensagem de Cristo crucificado foi recebida como a sabedoria de Deus (I Co 1.30). Muitas pessoas foram convertidas. Mas acharam difícil abandonar completamente a sabedoria humana. Seu amor pelo pensamento secular ainda moldava o que eles enam e como viviam.

Os crentes de Connto estavam tão entrincheirados no pensamento grego, que não o largariam facilmente. Embora tivessem aceitado o ensino do apóstolo, eles também mantinham um grande apego à sabedoria humana. Numa mudança comprometedora, eles estavam tentando unir o pensamento cultural com a verdade celestial. Paulo reconheceu isso e se mostrou determinado a corrigir o pensamento defeituoso deles.

A sabedoria divina e o pensamento humano não podem se misturar. Quando a

filosofia secular foi colocada em companhia com a teologia divina, o resultado foi uma abordagem sincretista

que estava devastando o desenvolvimento espiritual dele. Não é surpreendente que os crentes coríntios estivessem retardados em seu crescimento na graça.

Para Quem Pregamos Sabedoria

Paulo rejeitou a sabedoria do homem c ensinou um tipo completamente diferente de sabedoria - a sabedoria da graça soberana. Ele escreveu: ‘Expomos sabedoria” (1 Co

2.6). Com esta afirmação enfática, Paulo deixou claro que não se opunha a toda a sabedoria. Com certeza, o apóstolo *faloureabneiite* sabedona. Contudo era uma sabedona contrária à sabedona humana. Ele repudiou a sabedona do mundo e. em vez disso, proclamou a *verdadeira* sabedona de Deus.

Para m experimentados

A sabedoria divina, afirmou Paulo, deve ser proclamada ‘entre os experimentados” (l Co 2.6). Neste contexto, "experimentados” não se refere a crentes espiritualmente avançados, em contraste com os crentes imaturos. Antes, "experimentados” (no grego, fr/cios) se refere a todos os genuínos crentes em Cristo. A palavra pede se referir a alguém que é um membro pleno de um grupo. Esto é o significado que o apóstolo tencionava nesta passagem. Ele identificou todos os crentes como aqueles que são "experimentados*, aqueles que têm herança plena da salvação de Deus. na cruz.

Nesta passagem, Paulo insistiu em que a morte de Cristo deve ser pregada a todos os crentes. Esta mensagem não é apenas para os perdidos, mas também para os redimidos. O poder da cruz deve ser exposto a todas as pessoas, quer não sejam crentes, quer sejam bebes espirituais, quer sejam avançados na fc. Cristo crucificado deve ser pregado a cada indivíduo.

Sempre precisamos desta *sabedoria*

Ninguém exaure a sua necessidade espiritual de ouvir a mensagem perfeita da cruz. Em seu desenvolvimento espiritual, ninguém atinge um ponto cm que não precisa mais ser ensinado sobre a morte de Cristo. Este fato c evidenciado no mandamento de que todos os crentes devem participar repetidamente da Ceia do Senhor.

A pregação da cruz nunca é inapropriada. O evangelho é o poder de Deus tanto para a salvação dos não crentes quanto para santificação dos crentes. A sabedoria de Deus na cruz é a maior necessidade de todo cristão cm toda etapa de seu desenvolvimento espiritual.

Sabedoria do Allo

Em termos inconfundíveis, Paulo declarou que a sabedoria divina não procede do mundo. Ele disse que esta sabedoria não é 'deste século, nem a dos poderosos desta

época, que se reduzem a nada" (I Co 2.6). Paulo disse aos crentes de Corinto que esta sa

bedoria náo podia ser achada na cultura romana corrompida. Não podia ser ouvida dos filósofos gregos em Acenas. Nem podia ser descoberta nos templos das religiões pagãs. Essa sabedoria vem exclusivamente de Deus.

Sabedoria nào desle mundo

A sabedoria divina também não vem, escreveu Paulo,"dos poderosos desta época". Ela nào se origina no sistema mau do mundo sobre o qual estes poderosos da terra presidem. Esses "poderosos" governam a mesma ordem mundana que crucificou violentamente a Jesus (1 Co 2.8).

Esses líderes cegos, Paulo afirmou, "se reduzem a nada". Ou seja, eles estão perecendo em seus pecados. Assim também são os governos do mundo que eles representam. Sem Cristo, estes poderosos do mundo estão se autodestruindo.

Em contrate notável, Paulo reiterou, 'falamos a sabedoria de Deus" (l Co 2.7). O apóstolo proclamou um tipo compietamen-te diferente de sabedoria, que viera exclusivamente de Deus. Nada pode ser acrescentado ã sublime inteligência de Deus manifestada na cru/, de Jesus Cristo.

Da mesma maneira que a luz é separada das trevas,; sabedoria divina é o polo oposto da sabedoria humana. A sabedoria divina é eterna; a sabedoria humana é temporal. A sabedoria de Deis é pura; a sabedona dos homens é

contaminada por seu pensamento caído.

A sabedoria de Deus é centrada na cruz, enquanto a sabedoria do homem é centrada na cultura. A sabedoria de Deus salva; a sabedoria do homem condena. A sabedoria de Deus é celestial; a sabedoria do homem é terrena. O mundo entende a sabedoria de Deus como loucura, mas, na realidade, ela c brilhante. E a sabedoria do homem é considerada brilhante, mas. na realidade, é totalmente louca.

.A *sabedoria divina em mistério*

A respeito da pregação da cruz, Paulo afirmou que esta sabedoria era um ■mistério"

que estivera "oculto" até agora (I Co 2.7) - era um segredo desconhecido para os homens. Na Bíblia, um ■mistério" não significa algo enigmático ou confuso. Km vez disso, um mistério é uma verdade conhecida apenas por Deus, que ele guardou para si mesmo. A mera inteligência humana nunca pode descobrir um mistério divino não até que Deus escolhe revelá-lo por sua própria iniciativa.

Este mistério se acha na verdade do evangelho de Cristo crucificado. É a solução divina que garante a salvação do homem. Não importa quão brilhante seja o intelecto do homem, essa verdade jamais poderia ser descoberta pelo próprio discernimento do homem. A única maneira pela qual esta verdade pode ser conhecida é Deus mesmo revelá-la.

A cruzé a verdade que estava parcialmente oculta no passado, mas agora foi tomada conhecida. Na plenitude do tempo, o poder

da cruz foi plenamente revelado no aparecimento de Cristo. E hoje pregadores da cruz tém de proclamar esta verdade divina.

A vinda do Messias havia sido profetizada no Antigo Testamento (Lc 24.27). fora anunciada muito antes que ele sofresse, morresse e fosse ressuscitado. Esta verdade do evangelho foi enfatizada repetidas vezes na pregação dos apóstolos (At 2.25-2$, 3031, 34-35; 3.18,24; 7.52; 10.43).

No entanto, apesar destas profecias do Antigo Testamento, a morte de Cnsto ainda era considerada, falando relativamente, como um mistério nos tempos antigos. Embora o Antigo Testamento apontasse para Jesus, as profecias messiânicas estavam levemente ocultas em tipos e sombras. Este mistério foi revelado sonente no tempo designado.

Predestinada Antes do Mundo

A sabedoria divina manifestada na cruz não é algo novo. A sabedoria de Cristo crucificado foi aquela que *Deus preordenou desde a eternidade" (1 Co 2.7). A morte de Cristo, que levou o nosso pecado, não foi uma mudança no plano de Deus. Também não foi uma ideia posterior ao pecado. Km vez disso, ela foi a realização do eterno propósito de Deus em Cristo. Este mistério, revelado plenamente no Novo Testamento, era o plano soberano de Deus para salvar pecadores.

A palavra "preordenar' (no grego, *proorizo)* significa, literalmente, "marcar, apontar ou determinar de antemão ! A raiz deste verbo chega ao nosso idioma como *horizonte.* A idcia é que o destino final da jornada de alguém marcado no horizonte chegam a acontecer.

O prefixo*prc* significa 'antes". O significado é que o destino já é determinado antes que a jornada comece. "Preordenou" designa o destino final de alguém no horizonte da eternidade futura. Esse destino foi determinado antes de a jornada começar.

Em I Corintios 2.7, a preordenação de Deus na salvação está fundamentada na morte vicária de Jesus Cristo. O poder de salvar pecadores eleitos foi preordenado por Deus. Na eternidade passada, o Pai preordenou a morte horrivel de seu Filho como o meio para trazé-los a si mesmo.

No que diz respeito à crucificação de Cristo, Deus predeterminou que este evento aconteceria. Antes que o tempo começasse, o Pai determinou o caminho que seu Filho tomaria. A morte doFilho na cruz estava estabelecida nos conselhos eternos do Pai. Além difso. Deus predestinou na cruz a salvação de todos os seus eleitos. Esta verdade precisa ser pregada sempre. Este é o tipo de pregação que Deus abençoa.

Pregando a predestinação paia todos

No dia de Pentecostes, Pedro declarou a vontíde predesti-nadora de Deus na morte de Cristo. Este pregador cheio de poder

do Espírito estrondeou que Jesus foi 'entregue pelo determinado desígnio e presciéncia de Deus" (At 2.23). Pedro anunciou enfaticamente que a cruz não foi um acidente, mas foi preordenada por Deus. Embora a crucificação tenha sido conduzida por homens ímpios, a morte dc Cristo cra a vontade eterna c soberana de Deus.

O supremo direito de Deus em reger a salvação foi proclamado pela igreja primitiva. Em face de forte perseguição, os primeiros pregadores entregaram uma mensagem ainda mais forte. Anunciaram a soberania inalterável de Deus no que conceme à morte de seu Filho para salvar seu povo de seus pecados.

Quando Pedro c João foram aprisionados por pngarem a Jesus Cristo e, depois, foram libertados, seus companheiros reconheceram que a morte de Cristo aconteceu de acordo com os propósitos soberanos de Deus: ‘Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste.Herodes c Póncio Pilatos, com gentios c gente dc Israel, para fazerem tudo o que a tua mão c o teu propósito predeterminaram” (At 4.27-28).

Esta confissão ousada revela o tipo de pregação ele»ada que estes primeiros crentes estavam ouvindo. O fato de que eles declararam os propósitos predestinadores de Deus na morte de Jesus Cristo demonstra o nível de ensino que receberam e o conceito elevado que tinham a respeito da soberania dc Deus.

Essa pregação sobre a predestinação c dcscspcradaircntc necessária hoje. Que ânimo os crentes recebem quando ouvem as poderosas afirmações dos planos eternos e imutáveis de Deus sobre os acontecimentos humanos e a sa vação de pecadores!

harantia para a gloria

Paulo afirmou que esta sabedoria divina é ”para a nossa glória' (1 Co 2.7).

Em outras palavras,a cru? é o meio pelo qual Deus leva pecadores à glória. Este versículo se estende da eternidade passada ("preordenada") até à eternidade futura ("glória"). Não somente a morte de Cristo foi predestinada, mas também a salvação de pecadores individuais foi predeterm nada para a glória futura.

Na morte de Cristo, planejada de modo soberano, a glorificação final de todos os santos é garantida inequivocamente. A sabedoria de Deus na cru? assegura que todos aqueles em favor dos quais Cnsto morreu terão parte na glória futura do céu, para sempre (Jo 10.11,14,16,26-30).

O tipo de pregação que Deus abençoa magnifica esta graça soberana. Deus olha favoravelmente para púlpitos que declaram com ousadia seus propósitos eternos e imutáveis na cru?. Ele outorga poder ao pregador que proclama seu direito supremo na predestinação. Essa pregação reconhece que Deus concede sua graça a quem ele quer (Rm 9.15-18). Esta é a mensagem que deveria ressoar de cada púlpito hoje. Essa verdade sublime exalta a Deus e humilha o homem, esmaga o orgulho e promove o

louvor, diminui a criatura e eleva o Criador. Essa pregação ceclara a inigualável e livre autoridade de Deus sobre todas as coisa*.

Uma Vida sem Sabedoria

Paulo ampliou este argumento quando falou sobre a cegueira espiritual dos governantes do mundo na crucificação de Jesus. Eles fracassaram em compreender a sabedoria de Deus na cruz. O apóstolo descreveu a sabedoria como aquela "que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória* (I Co 2.8). Aqueles que crucificaram o Senhor Jesus Cristo não entenderam a natureza da soberana sabedoria de Deus.

Os propósitos salvadores de Deus foram velados dos olhos dos líderes judeus e romanos. Do contrário, eles não tenam executado o plano perfeito de Deus. Em ignorância, eles mataram a Cristo. Mas, pelo etemo decreto de Deus, tinha de ser assim.

Ceym pela Luz

Os líderes judeus e romanos que crucificaram a Jesus não entendiam que estavam realmente executando a vontade predeterminada de Deus. Eles não estavam no controle do que aconteceu; Deus CStava. Aqueles homens maus pensavam estar matando um mero embusteiro messiânico. Imaginavam que estavam matando um cristo impostor. Mas, em sua ignorância, eles crucificaram o Senhor da glória.

Para um grande multidão em Jerusalém. Pedro declarou: "Agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também [1]

as vossas autoridades' (At 3.17). Esses líderes fracassaram em reconhecer Jesus como o Senhor da glória. Estavam cegos para a grandeza divina do ser perfeito de Cristo. Sendo plenamente Deus, Jesus possuía esplendor radiante e gloria deslumbrante. Mas eles não puderam vè-la. A loucura do mundo é sintetizada no executarem eles o todo-glorioso Senhor do céu e da terra.

Nenhum homem jamais poderia ter inventado este plano de salvação pelo qual Deus enviaria seu único Filho para morrer no lugar de pecadores destinados ao inferno. Ninguém poderia ter concebido o arranjo pelo qual Cnsto derramaria seu sangue a

fim propiciar a justa ira de Deus para com os perdidos. Nenhuma pessoa poderia ter planejado este esquema pelo qual Jesus reconciliaria o Deus santo com homens pecadores.

Além disso, ninguém poderia ter imaginado que Jesus morreria no lugar de pecadores, seria tirado da cruz, seria colocado num sepulcro e seria ressuscitado no terceiro dia -mas *Deus* concebeu tudo isso.

Somente Deus mesmo poderia ter elaborado este plano soberano pelo qual o Senhor ressurreto ascendena à direita de Deus, o Pai, para ser o Salvador de todos que o invocariam. Somente Deus poderia ter formado o propósito de que todos os que cressem em Cristo seriam exaltados em glória.

Ocu/ro *da lazão humana*

Paulo comentou que o profeta Isaías havia predito este plano de salvação espetacularmente brilhante. O apóstolo disse: "Como

está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que 0 amam" (l Co 2.9). Embora esta profecia não identifique especificamente esta realidade não vista, o contexto deixa claro que se refere à sabedoria de Deus na cruz.

Km termos específicos, Paulo citou Isaías para ressaltar 0 fato de que o evangelho nào pode ser aprendido por observação empírica (‘nem olhos viram"). Esta mensagem salvadora não é passatk adiante oralmente, por tradição, de uma geração para outra ("nem ouvidos ouviram"). O coração humano não pode conceber essa sabedona ("nem (amais penetrou em coração humano"). A sabedona de Deus não é discernida por percepção intuitiva. A sabedona divina na cruz esti além do mero pensamento natural, alem da mera compreensão humana.

Paulo identificou a sabedoria da cruz como “o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (l Co 2.9). Deus a preparou de antemão na eternidade passada, para todos os que viriam a ele por meio de Cristo. Somente Deus mesmo pode revelar esta sabedoria ao homem, e ele faz isso por meio da revelação divina da Escritura e da iluminação divina do Espírito.

Um Encargo Sagrado

A sublime mensagem dos propósitos predestinadores de Deus na cruz foram confiados a todos os homens que ele chama

para pregar sua Palavra. A elevada honra de proclamar a inimaginável sabedoria de Deus na cruz foi confiada a esses homens privilegiados. É a mensagem sagrada entregue aos cuidados daqueles que são divinamente comissionados a pregar.

Esses pregadores devem tornar conhecido o que nenhuma mente humana jamais poderia entender sem a revelação divina. A luz disto, nenhum privilégio maior poderia ser mantido além do privilégio de tornar conhecido este Cristo crucificado.

Visto que Deus é soberano na salvação de pecadores, é exigido do pregador que ele seja fiel em apresentar a verdade bíblica. O pregador tem de deixar os resultados com Deus. Quando o evangelho alcançar os eleitos, Deus os chamará à fc cm Cristo. Portanto, o pregador não precisa manipular o ouvinte. Ele não precisa recorrer a truques que trivializam a mensagem. Também não precisa apelar a técnicas coercivas que produzem resultados falsos. O pregador precisa apenas apresentar a verdade no poder do Espírito, confiando cm Deus quanto à resposta do ouvinte.

Isto não significa que o pregador não deve ser fervoroso c per-suasivo em apresentar a verdade. Também não significa que ele não deve pregar com um tremendo senso de urgência. Mas isto significa realmente que ele não tentará provocar uma resposta naqueles para os quais ele prega a Palavra. Além disso, o pregador não deve distorcer a mensagem para forçar a conversão de seus ouvintes. Também não pode brincar com a obra do Espirito. Ao contrário, o pregador

que Deus abençoa prega a Palavra com toda a força de convicções, mas deixa os resultados com a soberania de Deus.

O Assunto Inalterável

Quer você pregue num púlpito ou numa prisão, quer leve o evangelho a um hospital ou a um campus universitário, o âmago de seu testemunho tem de ser a cruz de Jesus Cristo.

Onde quer que você vá, a quem quer que fale, você tem de pregar Jesus Cnsto crucificado pelos pecadores. Não importa quem são os seus ouvintes, a sua mensagem é a mesma. Você deve pregar o propósito predeterminado de Deus na morte vicária de Cristo.

Todo pregador tem dc pregar Cristo crucificado a fim dc cumprir sua chamada sagrada. Não importa o que mais ele faça - se não prega Cristo crucificado, não é fiel ao mandato divino que lhe foi dado.

Charles Spurgeon entendeu corretamente este mandato. Ele acreditava firmemente que recebera de seu Senhor ordens >ara permanecer aos pés da

cruz e ficar ali até que ele voltasse. Enquanto vivesse, Spurgeon devena contar esta história simples de Cristo crucificado a um mundo condenado. Ele declarou:

Hi alguns anos, eu recebi ordens de meu Senhor para permanecer ao pé da cru? até que ele venha. Ele não veio ainda, mas pretendo permanecer ali até que ele venha. Se eu desobede-

ccr às suas ordens c abandonar eslas verdades simples que lèm sido o melo de salvaçiu de almas, nio sei corno posso esperar sua bènçio. Portanto, permaneço aos pés da cruz e conto a velha, velha história, ainda que soe insípida aos ouvidos irritados c banalidade ultrapassada, como os críticos a consideram. Eu amo falar de Cristo - de Cristo que me amou, viveu e sofreu a morte vicária em favor de pecadores, o justo pelos injustos, aquele que pode nos levar a Deus.[2]

Todo pregador recebeu estas mesmas ordens. Onde Spur-geon permaneceu, aos pés da cruz. todos nós devemos permanecer. Com nossos olhos fixos na glória de Cristo no céu, temos de pregar esta graça salvadora ate que ele volte. Que sejamos fiéis nesta chamada de proclamar a soberana sabedoria de Deus na cruz de Jesus Cristo. E, quando ele voltar, que nos ache como pregadores que permanecem fielmente aos pés da cruz.

Capítulo ó

1

C H Srursfo, duco ítn Drumond, Sfwgten. 2*9

ORDENS DE MARCHA

A Parada de Pregadores Fiéis

Como afirmei neste livro, há um tipo de pregação que Deus abençoa. Os púlpitos que seguem o padrão estabelecido por Paulo cm I Coríntios 2.1-9 estão bem posicionados para conhecerem este favor divino. Todo expositor biblico deve ser comprometido com esta abordagem da pregação. Todo

arauto da verdade tem uma responsabilidade pessoal de imitar o modelo apostólico estabelecido por Paulo nesta passagem importante.

Nenhum pregadorc livre para mudar sua doutrina c afastar-se do que Paulo ensinou. Todo homem tem de pregar somente estas verdades asseveradas na Biblia. Ao mesmo tempo, nenhum homem pode ocupar um púlpito e tornar sua pregação diferente do que é exemplificado pelo apóstolo. A Escritura ensina o *que* devemos pregar e como devemos pregar. A Bíblia estabelece tanto a *mensagem* como a *maneira* pela qual a verdade de Deus deve ser proclamada, ü fato c: importa para Deus o modo como a sua Palavra c pregada.

No texto que indicamos, o apóstolo Paulo estabeleceu um modelo permanente que todo pregador deve seguir. Apesar de

onde ou a quem ele ministre, estes princípios transcendem os séculos. continentes e culturas. Mesta passagem, o apóstolo registrou a essência do que pregava e como o pregava. Por esta razão, temos de apegar-nos firmemente à instrução dada nestes versículos.

Dois Aspeclos da Proclamação

A ciência da exposição

Para entendermos corretamente a pregação expositiva, temos de reconhecer que esta abordagem do púlpito é tanto uma ciência quanto uma arte. Kssc tipo dc pregação c uma ciência porque há leis inalteráveis que governam seu sucesso. Estes princípios incluem as leis fixas de interpretação, conhecidas como hermenêutica ou a ciência da interpretação.

Esta abordagem disciplinada envolve uma investigação cuidadosa do texto que considera o estudo das palavras, a gramática, a sintaxe, os tempos verbais, o pano dc fundo histórico, a geografia, a cultura e mais. Há princípios inseparáveis associados a cada uma destas áreas de estudo que precisam ser mantidos em ordem para interpretarmos corretamente o que Deus pretende dizer com o que diz nas Escrituras. Toda interpretação correta do texto bíblico tem dc seguir estas regras fixas.

Se estas leis básicas de hermenêutica são quebradas, o sermão apresentará erroneamente as Escrituras e falhará em honrar a Deus.

Qualquer mensagem que faz mal uso das Escrituras, distorcendo seu verdadeiro significado, não conta com a bênção de Deus. Qualquer imposição forçosa lançada sobre o texto ou se|a, um significado inventado - falhará em comunicar exatamente o que Deus está dizendo. Essa abordagem leviana infere do texto o que Deus nunca disse.

A Bíblia foi escrita para comunicar a verdade objetiva em palavras definidas que tèm significados precisos. Entender o significado do texto exige princípios objetivos de interpretação para que o pregador assimile corretamente o que Deus está dizendo.

A pregação que Deus abençoa tem de apresentar fielmente um entendimento apropriado de qualquer passagem da Escritura. Deus abençoará apenas aquela pregação que interpreta corretamente o verdadeiro significado do texto.

A arte de pregação

Ao mesmo tempo, a exposição bíblica c também uma arte. Isto significa que a pregação admite criatividade c individualidade de um pastor para outro. Esta variação admite, e até exige, que a personalidade do indivíduo se manifeste através do sermão.

Além disso, esta diversidade requer uma diferença entre um sermão e outro, até pelo mesmo pregador. Do contrário, todo sermão sobre o mesmo texto deveria ser o mesmo, palavra por palavra.

Entre diferentes pregadores, nunca deveria haver uma interpretação diferente do texto bíblico. Com certeza, só existe uma única *in-*

tcrprcldção correta de uma passagem. Qualquer diferença nos sermões deve permanecer em seu arranjo e na sua apresentação. Enquanto a essência do cada sermão

deve ser a mesma, há lugar para que verdades especificas sejam apresentadas e aplicadas numa variedade de maneiras.

Afirmando isso cm termos sucintos, dois pregadores não são iguais, assim como não o são duas igrejas para as quais os sermões são pregados. Também não há duas situações idênticas. Poitanto, os sermões sempre serão diferentes, mas nunca em sua doutiina -somente em sua ênfase e em sua apresentação.

Consequentemente, toda pregação será diferente porque cada pregador é diferente.

Cada homem tem sua própria personalidade, temperamento, maturidade, experiência, idade c habilidades. Dois expositores nunca são exatamente os mesmos. Nem dois pregadores estão no mesmo lugar em sua vida espiritual. Esta variação admite e até exige diferenças entre um sermão e outro, ass m como um pregador difere do outro.

No que diz respeito às congregações, diferentes grupos de ouvintes estão cm diferentes lugares em seu andar com o Senhor. Elas são constituídas de pessoas que estão cm diferentes níveis de maturidade espiritual, idades diferentes, com diferentes quantidade de exposição à verdade e contextos diferentes. Assim, um expositor tem de aprender a adaptar seus sermões de acordo com isso.

Como um pregador se dirige a um grupo pode difertrde como ele se dirige a outro.

Como ele fala à mesma congregação durante

um período de vários anos pode diferir à medida que o tempo passa. Estas diferenças dependerão da maturidade espiritual de um grupo em qualquer tempo específico. Isto é a arte da pregação expositiva - levar em consideração abordagens diferentes na aplicação, tipos diferentes de ilustração, abordagens diferentes na introdução, tons diferentes na entrega da mensagem e diferentes tipos de conclusão. O expositor tem de ser bastante cònscio de todos estes fatores quando prepara seu sermão para aqueles aos quais ele fala.

No que diz respeito á ciência e à arte de pregar, sábio é o homem que reconhece estes dois aspectos da proclamação e abraça ambos.

Necessidade: Pregação Trinilariana

A pregação que Deus abençoa tem de ser distintamente tri-nitariana. É a pregação em

que as três pessoas da Divindade estão ativamente envolvidas. Pai, Filho e Espírito Santo têm de ser vistos cm seus papeis trinitarianos.

Jesus Ciislo: o assunto preeminente na pief/ação

Em primeiro lugar, o assunto preeminente da pregação tem de ser a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Como disse claramente o apóstolo Paulo, ‘nós pregamos a Cristo crucificado” (I Co 1.23). O mandato para qualquer pregador não poderia ser mais clara ü ponto focal de toda pregação tem de ser Jesus Cristo em sua morte salvadora.

Essa pregação centrada em Cristo exalta-o e o apresenta constantemente aos ouvintes.

A essência da pregação que Deus favorece está arraigada na proclamação fiel da segunda pessoa da Divindade, Jesus Cnsto. Nos termos mais simples possíveis, Paulo afirmou: *0 qual [Cristo] nós anunciamos” (Cl 1.28). Cristo tem de sero âmago e a alma de tudo que proclamamos.

Jesus fez isto em seu próprio ensino. Ele disse: ‘Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39). Nesta afirmaçãoJesus disse que ele é o personagem a respeito de quem todo o conjunto ia Escritura dá testemunho supremo. Em outras palavras, o principal tema da Escritura é Jesus Cristo. Toda a Bíblia aponta para Jesus. Após a sua ressurreição, ele conversou com dois discípulos na estrada para Emaús e lhes expôs “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27). Jesus explicou como as profecias a respeito do Messias apontavam para ele mesmo.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, há um único caminho de salvação: por meio de Jesus Cristo. Os santos no Antigo Testamento foram salvos por olharem para frente, para Cristo, assim como os crentes no Novo Testamento são salvos por olharem para trás, para a morte e a ressurreição de Cristo. A salvação somente pela graça, por meio da fé, somente em Cristo i o tema que unifica a Escritura. Portanto, para pregarmos a Bíblia precisamos

pregara Cristo.

Cristo é central em sua pregação? Ele tem preeminência inigualável cm tudo que vocc ensina c prega? Ele c o tema glorioso cm todo o seu ministério de púlpito? Com certeza, o tipo de pregação que Deus abençoa está fundamentada em Cristo crucificado.

O Espírito Santo: o poder sobrenatural na pregação

Em segundo, toda pregação tem de ser feita no poder do Espírito Santo. Ninguém pode proclamar eficientemente o Senhor Jesus cm sua própria força. O poder salvador está na mensagem divina c não no mensageiro. No entanto, precisamos ter o poder de Deus a fim de pregarmos as verdades de Deus. O pregador experimentará a bênção divina em seu ministério enquanto a sua proclamação for realizada na plenitude do Espirito.

A terceira pessoa da Divindade se deleita em magnificar a Cristo. "O Espirito da verdade" (Jo 14.17; 15.26; 16.13) tem de iluminar a mente do pregador para que ele entenda as verdades concernentes a Cristo nas Escrituras. O Espírito precisa inflamar o coração do pregador, aprofundar suas convicções c dilatar sua compaixão, mas com ousadia, enquanto ele prega a Cristo (At 4.8; I Ts 1.5). Somente o Espírito todo-poderoso pode fazer isso em seus servos.

A pregação que conhece o poder de Deus receberá o poder do Espírito de Deus. Se o pregador tem de anunciar a Palavra de Deus aos outros, ele precisa ser cheio do Espírito (Ef 5.18-19). Não deve abafar o Espírito por depender apenas de sua capacidade, sem qualquer dependência do Espirito de Deus.

Você prega com uma consciência de sua necessidade da capacitação do Espirito? Conhece esta capacitação de poder do Espírito de graça? Você ora pelo ministério divino do Espírito Santo em sua pregação? Está ciente de que, ao estar de pé no púlpito, tem de haver dois que estão diante da Bíblia aberta? O tipo de pregação que Deus abençoa c a pregação ungida pelo Espírito?

O *Pau a sabedoria predelerminadora na pregação*

Em terceiro, a verdadeira pregação tem de proclamara mensagem do evangelho que foi preordenado por Deus antes da fundação do mundo. Se a pregação tem de ser favorecida por Deus, ela precisa declarar a sua vontade soberana na salvação.

Tragicamente, muitos pregadores, em sua tentativa de serem contemporâneos, negligenciam ensinar todo o conselho de Deus. Procuram apresentar o evangelho numa maneira que é fácil de ouvir, mas. ao fazerem isso, eles retém certas verdades difíceis que as pessoas acham difíceis de aceitar. Tem de haver uma exposição completa da verdade. Nada deve ser retido. Se Deus colocou a verdade em sua Palavra, ele deve ser proclamada. A verdade da soberania divina na salvação não c uma exceção.

A pregação que Deus abençoa declara o plano de redenção predeterminado de Deus, o qual ele formou na eternidade passada. Devemos pregar a verdade da eleição soberana de Deus em sua graça preordenadora. Temos de proclamar que Deus escolheu um

povo para si mesmo (Ef 1.4*5). Além disso, ele escolheu Cristo para ser o Salvador deles (l Pe 1.20). O evangelho eterno precisa ser pregado fielmente a cada geração.

Você prega a autoridade soberana de Deus na salvação? Magnífica os eternos propósitos de Deus cm salvar pecadores? Vocc se mantém firme em proclamar a mensagem do evangelho em sua inteireza aos perdidos e condenados deste mundo?

Uma Fila Exlensa He Homens Fiéis

Através dos séculos, tem havido uma fila extensa de pregadores fiéis que seguiram este padrão apostólico na pregação. Estes valentes da fé sustentaram heroicamente a mensagem eterna de Cristo e ele crucificado em seu tempo designado da história humana. Eles serviram como despenseiros consagrados dos mistérios de Crista mensageiros dedicados do evangelho que proclamavam o único tema central de toda a Escritura - ou seja, o Senhor Jesus Crista Eram profundamente convencidos de que, enquanto estavam neste mundo, seu propósito primário era proclamar a mensagem da cruz.

Eles foram porta-vozes confiáveis de Deus. Pregaram a mensagem que Deus preordenou antes que o tempo começasse. Pregaram a Palavra de Deus sem comprometerem as suas verdades. E rcali/jram a sua pregação no poder do Espirito Santo.

Este é o tipo de pregação que Deus abençoa.

E quanto a você? Será contado entre este remanescente fiel? Estará entre os poucos que se comprometem a pregar as glórias de Cristo? Estará entre os poucos da história que proclamarãc a Cristo no poder do Espírito Santo? Estará entre aqueles que permanecerão leais à eterna mensagem de Deus?

Dois Instrumentos nas \Iaos de Deus

Dois pregadores que se destacam na história da igreja são os pregadores escoceses Andrew Bonar e Robert Murray M Cheyne, do século XIX. Andrew era o irmão mais novo do famoso hinógrafo Horatius Bonar, e M Cheyne se tornou um eminente pregador escocês. Bonar e MCheyne eram da mesma idade e freqüentaram a mesma escola primária em Edimburgo. Os dois eram amigos íntimos.

Quando tinha 18 anos, MCheyne foi convertido a Cristo em face da morte de seu irmão mais velho, David. Robert diss que foi naquela ocasião que ele começou a procurar "um irmão que não pode morrer’¯.’ Ele se voltou, então, para Cristo, com fé, e entrou no reino de Deus.

Em pouco tempo, M’Cheyne entrou no ministério e se tornou um poderoso pregador do evangelho. Ele foi o principal instrumento em produzir o Avivamento de Kilsyth (18381839), na

I Atuir,-» *& keiutln cjktisi!* Mime/ .WCAfftH, (Fálnltar#h, SuiiLtui: Tti,-

Rinner ,>ÍTiulh Tru« 2004), 11

no

Escócia. Este movimento poderoso de Deus foi marcado pela poderosa pregação da cru? tanto por M’Cheyne quanto por Bonar.

Isto, por sua vez, estimulou Bonar e .WCheyne a alcançarem juntos o mundo para Cristo. Preocupados com a salvação do povo judeu. Bonar c MChcync viajaram para a Palestina cm 1839, não como turistas, mas para fazerem a exigente obra de pregar o evangelho a judeus não convertidos.

WCheyne: morrendo aos 29 anos

Enquanto estiveram na Terra Prometida, MCheyne e Bonar pregaram a Cristo. Este era um dos lugares mais difíceis no mundo para se fazer a obra de evangelização. Depois de ministrarem ali por um tempo, eles retornaram à Escócia, onde continuaram a servir ao Senhor com abnegação incomum e devoção extraordinária. No serviço para o Senhor, estes dois homens se esforçaram ao extremo.

No entanto, as exigências rigorosas dos esforços de ministério do jovem Robert foram mais do que sua constituição física podia aguentar. Esta alma laboriosa se exauriu por Cristo e morreu na tenra idade de 29 anos.

Depois que WCheyne morreu, seu amigo íntimo. Andrew, compilou seu diário e anotações pessoais como *Memoir and Rc-mainsojRcv. Robert Murray MChcync* (Memórias c Rcminisccncias do Rev. Robert Murray MV.heyne). Andrew também escreveu uma biografia de M'Cheyne, para que o mundo conhecesse sua devoção

por Cristo. Este livro se tornou um devocional cristão clássico e inspirou outros a irem para o campo missionário.

fiouar. pret/ando até aos *82* anos

Diferentemente dc seu amigo M'Chcyne, Bonar viveria por mais meio século. Ele permaneceu no ministério pastoral por 54 anos. Quando morreu, Bonar ele ainda pastoreava em Glasgow (Escócia) aos 82 anos de idade.

Antes de morrer, ele pensou: *"Por que* o meu melhor amigo Robert Murray MCheyne morreu aos 29 anos, enquanto eu vivi tanto? *Por que* me foi permitido viver até aos meus 80 anos? *Por que* fui preservado por tanto tempo?"

Esta resposta veio à sua mente: “Uma coisa eu sei. Deve ter sido para que eu pregasse a Cnsto e ele crucificado quando e onde quer que estivesse em meu poder''.' Bonar acreditava que tivera uma vida longa por causa desta razão principal: que pregasse a Cristo e ele crucificado.

Fiel Àlé ao Fim

Ainda assim, este é o propósito dado a cada pregador, não importando quantos anos ele tenha para viver. Todos os que são

2 Audi cw Buoir. Du>; [A] (Fdeil<ui#)i San-mil Tnt Punu.-r ofThith Trmt. l'M4>, 18*

3 Bi>mr *Dúny &* llfc 525.

mensageiros da graça devem entender claramente que *ala* é a razão primária por que

estamos vivos. Enquanto vivemos, temos de proclamara Cnsto e ele crucificado.

Por que você está neste mundo? Por que Deus lhe permitiu viver ate agora? Por que ainda há sangue correndo por suas veias? Por que ainda há força em seu corpo? Com certeza, a resposta tem de ser que. enquanto estiver aqui na terra, é para você proclamar com ousadia as gloriosas boas novas de Jesus Cristo e ele crucificado.

Esta é a razão por que, como arautos do evangelho, Deus nos permite permanecer vivos. Isto acontece para que anunciemos a mensagem de Deus a um mundo perdido c condenado. Este c o propósito mais elevado que poderemos atingir.

E o favor de Deus estará sobre a nossa pregação se formos fiéis em pregar a Cristo e ele crucificado. Este, e somente este. é o tipo de pregação que Deus abençoa.

Portanto, permaneçamos firmes cm nosso compromisso com a pregação trinitariana. Renunciemos a mensagem c as metodologias deste mundo caído

que procuram relegar Cristo à periferia, na pregação. Sejamos resolutos em nossa dedicação de asseverar a Cristo e ele crucificado em todas as nossas proclamações no púlpito.

Esta é a pregação que Deus abençoa.

m

UMA CHAMADA URGENTE

PARA PREGARMOS A PALAVRA DE DEUS À MANEIRA DE DEUS

O poder ícal na pregação - ou seja. o poder que traz o verdadeiro avjvantcnto e transforma vidas - vcr.i somente de Dcuí. Eet,a ê a razão por que c essencial seguirmos o padrão paia a prci^{A}iáu apresentado ru hscr.tura. O apóstolo 1'juIo nos apresento esse pãdrio em I Coi ir.tios 2.1--I.

Stcven J. Lav-sou, lie. imiito tempo pastor e expositor da IMblia, ajuda você a cumprir sua eminente chamada no ministério, -*■ medida que entende.

- a prioridade da pregaçãohiblica — a principal ohrigação de cada pastor;
- a pobreza da pregação moderna o que está faltando nos púlpitos lioje;
- o poder do Espirito na pregação o «jue foz a difeieoça entre uúuiníiio de púlpito eficaz e ministério de púlpito ineficaz.

Você receberá uma abundância de orientação e encora jaracnfcç enquanto oxplors a qurslãn de cirnii reali/ar u ministério de Deus de uma maneira <jiic 11 «iinri.

m^{A}A * “ a* Stcven J. Lawson <; o pastor principal da Christ Fellowship Raplist *(* hurch cm Mobile i Al.ib.ma_l. F.le é autor «le rn.:'s I iU; deve livros, in<:l;iim:i! oorn.,^{M}l,trios bíhüttC'. r . 1 sére *Pi.r!:!* B *Ji Hon:in> Pia/uos* (Kditoia Fiel). Também Serve tomo j, professor de Pregação *:.c* Mastert

ScmUirv protesto;

WrfÊÊíâ eooperador no Ministério Ligonier e professor visitante no programa Doulm cm Ministério. na I .ignnier Ac-atirmy.



Índice

HDeus	3
H3eus	4
Para Quem Pregamos Sabedoria	74
UMA CHAMADA URGENTE	94